

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA – Um estudo dos dados do Projeto Arte
Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF)**

Viviane Cristina Drogomirecki
Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Leão

Goiânia

2010

VIVIANE CRISTINA DROGOMIRECKI

**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA – Um estudo dos dados do Projeto Arte
Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, Programa de Pós-Graduação *stricto-sensu*, Mestrado em Música na Contemporaneidade, Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eliane Leão

Goiânia

2010

TERMO DE APROVAÇÃO

VIVIANE CRISTINA DROGOMIRECKI

**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA – Um estudo dos dados do Projeto Arte
Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Mestrado em Música, da Escola de Música e Artes Cênicas, da Universidade Federal de Goiás, pela seguinte Banca Examinadora:

Profa. Dr^a. Eliane Leão

Presidente da Banca

Profa. Dr^a. Maria Helena Jayme Borges

Escola de Música e Artes Cênicas, UFG

Prof. Dr. Abraão Garcia Gomes

Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, UFG

Goiânia, 27 de setembro de 2010

**“Por que a *História* é feita de *histórias*
que a *estruturam* e a *consolidam*”.**

Lígia Martha C. da Costa Coelho (2009)

Dedico esta dissertação

A todos que contribuíram para a sua realização, em especial à minha mãe Odete Gomes Drogomirecki. Eu te amo mãe!

E também aos participantes do Projeto Arte-Inclusão do CEPABF, em especial à pesquisadora Prof^a Ms. Edna Vieira. Que este estudo lhes seja útil.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas maravilhas que tem feito em minha vida.

Ao meu pai Boleslaw Stanislaw Drogomirecki, que mesmo ausente há um bom tempo, está sempre presente em minha vida; e à minha mãe, Odete Gomes Drogomirecki, pelo incentivo, pelo amor e pelo orgulho que sente por mim. A vocês dois, agradeço com amor e gratidão, pois tudo o que sou, devo à educação que me proporcionaram.

Ao meu filho, Nicolas, pela sua chegada durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Marcus Vinícius, que é minha fonte de energia e amor incessante, pela grande ajuda em todos os momentos da minha vida. Você é meu eterno amor.

Aos meus irmãos André e Alexandre, e cunhadas Luana e Leila, pelos incentivos e preocupações a fim de tornar meus objetivos uma realidade.

À querida orientadora Prof^a Dra. Eliane Leão, grande mestre e pesquisadora pelos ensinamentos, paciência e dedicação que demonstrou durante todo o decorrer do Mestrado. Tê-la como orientadora foi um privilégio. Obrigada por ter aceitado a orientação de minha dissertação, na esperança de retribuir, com a seriedade de meu trabalho, a confiança em mim depositada.

Às Prof^a. Dr^a. Fernanda Albernaz e Maria Helena Jaime Borges, que na qualificação desta Dissertação contribuíram com sugestões importantes para o fechamento deste trabalho.

À Prof^a. Ms. Edna Vieira pela contribuição e pela compreensão e interesse manifestados por este trabalho e também pelos seus valiosos esclarecimentos sobre o projeto Arte e Inclusão. Os meus parabéns a toda a equipe que o produziu.

Aos Diretores das escolas onde foram realizadas as coletas de dados e aos professores participantes deste estudo, em especial à Francis, Arleth, Itana e Tiago.

Agradeço também, ao coordenador e secretária do curso de Mestrado da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (Universidade Federal de Goiás), respectivamente, Anselmo Guerra e Sr^a Anileide, por sua compreensão e apoio para a realização desta pesquisa.

Enfim, a todos que contribuíram e torceram para que eu conquistasse este sonho.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 O TEMA INCLUSÃO E O PROJETO DO CEPABF	4
2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	9
3 EDUCAÇÃO MUSICAL E O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	15
3.1 O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	18
4 METODOLOGIA	22
5 ANÁLISE	48
5.1 OBSERVAÇÕES DO CONTEÚDO RESULTANTE DOS DADOS	49
5.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E ESTRUTURAS RESULTANTES DAS PROPOSTAS	53
5.3 COMENTÁRIOS DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	55
5.4 MUDANÇAS PSICOLÓGICAS PROVIDENCIADAS PELA PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS NA PROPOSTA	57
5.5 ESTUDOS DE CASOS	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

LISTA DE FIGURAS

1. Aula de Música com o uso de instrumentos de percussão	48
2. Momento da atenção da professora à aluna	50
3. Participação dos pais ao Projeto Arte Inclusão	51
4. Aula de Flauta Doce	53
5. Desinteresse pelas propostas	54
6. Motivação pelas propostas	54
7. Aluna El. manuseando um instrumento de percussão	60
8. Aluna Lo. ao centro da foto	62

RESUMO

Este estudo teve como proposta abordar alguns temas como a inclusão, a educação musical e o papel da música na educação inclusiva. É um estudo qualitativo que analisa dados documentais resultantes do Projeto Arte Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF), no qual prevê programas de vivência musical e se propõe promover a inclusão como alternativa em educação. O objetivo geral desse estudo foi verificar as possíveis aprendizagens de sujeitos com necessidades especiais, através da prática de Arte, proporcionadas pelo entendimento da inclusão, como inovação; utilizada a integração da música com outras artes, num ambiente de ensino *contraturno*. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho constou da análise de dados que consistiram de um estudo detalhado do *Corpus* de documentos já coletados do Projeto de Pesquisa Arte e Inclusão do CEPABF, no período de fevereiro a dezembro de 2008, disponibilizados pela entidade. Os dados tiveram como base os (06) seis critérios que, segundo Bauer (2003), garantem a boa prática para a pesquisa qualitativa: 1 – a triangulação e a reflexividade de perspectivas; 2 – a documentação transparente de procedimentos; 3 – os detalhes da construção do *Corpus*; 4 – a descrição detalhada dos resultados; 5 – a evidência da surpresa pessoal; e 6 – a validação comunicativa. Este projeto contou com a participação de profissionais como pedagogos, psicólogo e musicoterapeuta, intérprete de LIBRAS e com especialistas em Música e Arte Circense. Os dados resultaram de protocolos redigidos pelos pesquisadores envolvidos na equipe da escola. Chegou-se à conclusão final de que a proposta do CEPABF pode servir de referência para a prática da música para promover a inclusão, pois promove a aprendizagem. As condições de atendimento diferenciado aos sujeitos com dificuldades específicas, por equipe especializada, combinando diferentes áreas, garantem a participação motivada dos sujeitos e cria condições concretas para o exercício da cidadania para crianças e jovens. O Brasil precisa de experiências como esta analisada neste trabalho. As escolas de música, em sintonia com centros de pesquisa, podem preparar novos profissionais para enfrentarem este desafio: - o de motivar, através da música, os sujeitos com deficiência; o de motivá-los para que se sintam vivos, integrados, participantes e cidadãos.

Palavras-chave: Música; inclusão; educação inclusiva; arte-inclusão.

ABSTRACT

This study proposed to deal with themes as inclusion, musical education, and de hole of music in inclusive education. Its is a qualitative study that analyses documental data resulted from the Art Inclusion Project, of the Center for Professional Education at the Arts Basileu França (CEPABF) , that develops programs of music experiences and aims to promote inclusion as a alternative in education. Its objectives were to verify possible learning of subjects with special needs through the practice of arts, understood that inclusion is innovative; music being used to integrate with other arts, in an environment of extra-class learning period. The investigation methodology used for this work consisted of a detailed analyzes of organized data (*corpus*), from February to December 2008, provided by the CEPABF. The data was organized based on the (06) criteria from Bauer (2003), to guarantee a good practice for a qualitative research: 1 - the triangulation and reflexivity of perspectives; 2 – the transparent documentation of the procedures; 3 – the details of the construction of the *corpus*; 4 – a detailed description of the results; 5 – the evidence of the personal surprise; and 6 – the communicative validation. Participated in the project professional as teachers, psychologists, music therapists; specialist in LIBRAS, specialists in music and circus arts. The data consisted of protocols written by the researchers involved in the program. The final conclusion is that the CEPABF' proposal is a reference of music practice to promote inclusion being that it promotes learning. Its condition that guarantee differentiated care to subjects with specific disabilities by a specialized equip, combining different areas, promotes a motivated participation of subjects and creates concrete conditions for the empowering of children and youth.

Brazil needs experiences as this one analyzed in this research work. The music schools, in accordance with the research centers as CEPABF can prepare new professionals to deal with the following challenge: - to motivate children with special needs through music; to motivate them so they can feel they are alive, integrated, participative and citizens.

Key Words: Music; Inclusion; Inclusive Education; Art-inclusion.

EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA – Um estudo dos dados do Projeto Arte Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF)

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo trataremos da inclusão, da educação musical e do papel da música na educação inclusiva. É um estudo qualitativo que analisa dados documentais resultantes de um projeto de arte. Este, intitulado **Projeto Arte Inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF)**, prevê programas de vivência musical e se propõe promover a inclusão como alternativa em educação.

Os projetos de inclusão surgiram como alternativa para a educação de pessoas com necessidades especiais e para a adequação de suas vidas em sociedade (SASSAKI, 1999). A educação ajuda o desenvolvimento do homem, o seu potencial criador. Pode ser vista, também, como promotora e organizadora da vida pensante em sociedade. A educação ratifica e/ou retifica formas de pensar dos alunos, e dos professores. A busca pela representação social que o professor tem de seu aluno deve-se ao fato de a educação determinar as relações entre eles, e entre o grupo em que eles estão inseridos (FREITAS, 2004).

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica promulgada através da Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, consta especialmente no artigo 3º a definição de educação especial:

Art. 3º. Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, que apresentam necessidades educacionais especiais em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001).

A proposta de inclusão de sujeitos com necessidades especiais¹ incluindo deficiências sensoriais, físicas e mentais ou de impedimentos construídos socialmente, que servem para explicar a incapacidade que certos grupos ou indivíduos têm de ascensão intelectual e/ou social nos diversos espaços sociais, não surgiu de repente.

Portanto, a inclusão é uma inovação no sistema educacional, onde existe uma proposta de um atendimento diferenciado para as crianças com vários tipos de necessidades. Esta modalidade de atendimento tem sido muito mal compreendida e há distorções. Constituiu-se num movimento muito polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais e precisa ser melhor definido e compreendido. Inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação (MANTOAN, 2002). Toda criança tem o direito à educação e alguns educadores do Brasil lutam para que a escola inclua crianças e jovens com deficiência, como a própria legislação prevê desde 1988, a partir do Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n.1, de 1992, à 30 de 2001 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de n.1 a 6, de 1994 (BRASIL,1994).

A Educação é uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos. Para Stainback (1999):

...educando todos os alunos juntos, as pessoas com deficiências têm oportunidade de preparar-se para a vida na comunidade, os professores melhoram suas habilidades profissionais e a sociedade toma decisão consciente de funcionar de acordo com o valor social da igualdade para todas as pessoas, com os conseqüentes resultados de melhoria da paz social (STAINBACK, p.21).

Em Pinel (2007), surge uma pergunta (im)pertinente para se pensar a educação inclusiva na pós-modernidade: No contexto da educação inclusiva, quais os "sentidos"

¹ A Política Nacional de Educação Especial, da Secretaria de Educação Especial (Seesp) define os alunos considerados público-alvo da educação especial, aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação (site MEC/2009).

da "atividade educativa" para os professores? A luta pela inclusão, pode ser uma resposta a esta pergunta se consistir de uma nova perspectiva para as pessoas com deficiência e se iniciar com a mudança da qualidade de ensino nas escolas públicas e privadas. É preciso que as escolas se adaptem e se tornem aptas para responder às necessidades de cada um dos alunos com necessidades. A educação especial somente já não atende às desigualdades da sala de aula e, levada em conta as suas especificidades, não pode se tornar motivos para a exclusão (MANTOAN, 2002).

O quadro atual de atendimento às desigualdades parece refletir o não cumprimento do direito de todos à educação. Segundo Dutra (2005), a discriminação ainda está presente no contexto educacional brasileiro, senão vejamos: 1 - Há a violação dos direitos das crianças e dos jovens com deficiência no contexto educacional; 2 – Há escolas e professores que não se sentem preparados para receber alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular; 3 – Há famílias que não desistem da escolarização para seus filhos, tendem a buscar escolas especiais ou particulares; 4 – Há nas escolas privadas uma tendência para não aceitar crianças com deficiência alegando não estarem preparadas e muitas, quando recebem cobram taxas extras; 5 – Há crianças de escolas especiais integradas em escolas regulares que tendem a retornar alegando discriminação; 6 – Há famílias que consideram que as escolas regulares não são ambientes seguros para seus filhos; 7 – Há crianças aceitas nas escolas regulares que tendem a abandonar as salas de aula porque as mesmas não respondem às suas necessidades; 8 - A educação ofertada a estes alunos é no geral, de pouca qualidade, mantendo-se no âmbito de atividades da educação infantil.

Segundo a Declaração de Salamanca²:

“ para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que “as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem” (BRASIL, 1994, p.4).

² Esta Declaração (UNESCO, 1994) resultou de uma conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, que reuniu 92 governos e 25 ONGs. Teve lugar em Salamanca, na Espanha, em junho de 1994. A conferência propôs a adoção de linhas de ação em Educação Especial.

A inclusão não é um processo já pronto e acabado nas sociedades. Consiste de uma proposta que tem permeado a subjetividade social, se desenvolvendo e também encontrando resistências de diversas formas e por vários setores da sociedade e pessoas. Segundo Skrtic (1994), “... a inclusão é mais que um modelo para prestação de serviços na Educação Especial. É um novo paradigma de pensamento e ação, no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais norma do que exceção” (SKRTIC, p.31).

Apesar dos obstáculos, a expansão do movimento de inclusão, em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo às práticas cada vez mais inclusivas (STAINBACK, et. all, 1999, p.XX). Assim é importante que as sociedades, as escolas e comunidades abracem o desafio da inclusão e, ao mesmo tempo, tenham em mente que o principal objetivo que é facilitar e ajudar a aprendizagem e a participação, no sentido de propiciar a adaptação e o ajustamento de todos os indivíduos à vida em sociedade, a que têm direito.

Nesse sentido, teoricamente, a Educação Inclusiva visa reduzir todas as pressões que levem à exclusão e todas as desvalorizações atribuídas aos sujeitos, seja com base em sua incapacidade, rendimento cognitivo, raça, gênero, classe social, estrutura familiar, estilo de vida ou sexualidade.

1.1 O TEMA INCLUSÃO E O PROJETO DO CEPABF

O projeto de inclusão social do CEPABF, discutido neste estudo, tem como justificativa o fato de que, além de propor um modelo novo de atendimento, visando a inclusão de sujeitos com necessidades especiais e com evidentes sinais de desigualdades (sociais, sexo, gênero, talentos), a partir da análise de dados relatados de uma experiência na área, indica também um processo de vivência agradável com o objetivo de garantir o aprendizado buscando ressaltar algumas qualidades necessárias para o desenvolvimento da sensibilização auditiva: curiosidade, sensibilidade imaginação, paciência e gosto pela música. Esta proposta tem sintonia com o que pensa Loureiro (2001), quando pode estar contribuindo para a melhoria do atendimento aos sujeitos, uma vez que para a autora:

...a razão que justifica o ensino de música nas escolas é oferecer à todas as crianças, qualquer que seja sua aptidão, a oportunidade de lidar com a música e seus elementos, próprios de todo ser humano: audição, expressão rítmica e melódica, sensorialidade, emotividade, inteligência ordenadora e criatividade (LOUREIRO, 2001).

Sob a perspectiva da análise dos dados e com a observação dos fatos ocorridos no CEPABF, este estudo avançou em outra direção, a de estudar o ocorrido e os elementos resultantes das atividades de inclusão. Dessa forma, a avaliação dos dados coletados no Centro Profissionalizante de Artes Basileu França – CEPABF, no período de fevereiro a dezembro de 2008, a partir da arte dos sujeitos com necessidades especiais, consiste de uma avaliação documental, a partir de um conjunto limitado de materiais (protocolos e fotos), determinado de antemão pelo analista; visando as possíveis evidências das aprendizagens e os elementos observáveis das atividades relatadas. Este *Corpus* (BAUER, M. W. e GASKELL, G., 2003) consiste de dados qualitativos e levou à uma descrição detalhada das observações a partir dos documentos disponíveis, à luz da literatura da área.

O objetivo geral desse estudo foi verificar as possíveis aprendizagens de sujeitos com necessidades especiais, através da prática de Arte, proporcionadas pelo entendimento da inclusão, como inovação; utilizada a integração da música com outras artes, num ambiente de ensino *contraturno*³. Propôs-se tornar o processo de inclusão compreensível aos que se interessam pela educação como um direito de todos, uma vez mantidos os especialistas na área de artes atendendo aos sujeitos com necessidades especiais. Os objetivos específicos foram idealizados como a seguir:

- Discutir o papel da música, integrada a outras artes, na educação inclusiva;
- Verificar, através do Estudo de Casos, se a Arte realmente influencia no comportamento e na cognição dos sujeitos participantes;
- Desenvolver estudo teórico sobre a Educação Musical e Educação Inclusiva a partir dos resultados obtidos das análises;
- Demonstrar a importância dos elementos detectados dos dados coletados, visando atender aos princípios desta nova proposta educacional;

³ *Contraturno* é definido neste contexto como o período que não o do ensino regular, quando o sujeito não frequenta a escola de tempo integral.

- Discutir a contribuição da música para a melhoria ou não das respostas e envolvimento dos sujeitos no ambiente artístico, a partir do Corpus analisado deste programa de inclusão proposto;
- Gerar material bibliográfico em Educação Especial, utilizada a Música, como proposta de alternativa metodológica, contribuindo para a área de inclusão social.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho constou da análise de dados que consistiram de um estudo detalhado do *Corpus* de documentos já coletados do Projeto de Pesquisa Arte e Inclusão do CEPABF, no período de fevereiro a dezembro de 2008, disponibilizados pela entidade. Este projeto contou com a participação de profissionais como pedagogos, psicólogo e musicoterapeuta, intérprete de LIBRAS; e com especialistas em Música e Arte Circense.

A Educação Inclusiva, neste projeto, foi definida como o processo de atendimento para promover a inserção de sujeitos com necessidades especiais, distúrbios de aprendizagem, em todos os seus níveis, onde a educação é quem deve adequar-se aos alunos, visando, sempre, a inserção dos sujeitos na sociedade.

Um projeto como este desperta o interesse para uma análise desta natureza uma vez que afirma a importância do ensino de música na inclusão social no âmbito da educação; de igual modo, indica que há, na prática, uma carência de propostas e de realizações, não só na rede pública de ensino, como em todas as instituições de ensino particular.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, que propôs uma análise dos dados documentados no CEPABF, teve a duração de um ano. Foram contabilizados, neste prazo, a elaboração do projeto, os estudos bibliográficos, o estudo e análise dos dados disponibilizados. Os dados já foram disponibilizados e analisados tendo como base os (06) seis critérios que, segundo Bauer (2003), garantem a boa prática para a pesquisa qualitativa: 1 – a triangulação e a compreensão reflexiva a partir das inconsistências dos dados (*reflexividade*) ; 2 – a documentação transparente de procedimentos; 3 – os detalhes da construção do *Corpus*; 4 – a descrição detalhada dos resultados; 5 – a evidência da surpresa pessoal; e 6 – a validação comunicativa (BAUER, p. 481).

Os dados resultaram de protocolos redigidos pelos pesquisadores envolvidos na equipe da escola. Os documentos, neste estudo definidos como PROTOCOLOS, são

descrições de acontecimentos das sessões/aulas desenvolvidas pelos professores da equipe. Foi respeitada a escrita e os comentários anotados nos protocolos e as seqüências atribuídas pelos professores, que comentaram o que viam, enquanto realizando as atividades. Manteve-se, também, o sigilo quanto à identidade dos sujeitos envolvidos. A análise dos protocolos é dedutiva e os elementos essenciais, que mostram a surpresa pessoal deduzida dos fatos, foram descritos, categorizados e comentados pelo pesquisador, respeitada a *construção de confiabilidade*⁴.

A sistematização metodológica dessa pesquisa foi construída para produzir uma análise documental, pois se baseia na interpretação e/ou reflexão sobre os dados de arquivos da escola. Na análise dos protocolos foram utilizados três tipos de dados documentais: 1 - os planejamentos de aulas desenvolvidas no período da pesquisa. 2 - as anotações dos profissionais do Projeto; e 3 - os diagnósticos anotados sobre cada sujeito, que terão identidade preservada. O *Corpus* dos dados, objeto da análise que foi procedida, resultou da constatação de que houve a participação de (26) vinte seis sujeitos; sendo (14) quatorze do sexo masculino e (12) doze do sexo feminino; faixa etária de (05) cinco a (28) vinte e oito anos; e foram coletadas duas vezes por semana, em 2008. As sessões foram de cinquenta minutos e as atividades que envolviam os seguintes passos: 1 - motricidade (marcha, pulso, saltitos); 2 - motivação para a expressão da afetividade; 3 - prática de vivência musical (leitura e escrita); 4 - ensino de instrumento (flauta doce) e prática do canto individual e grupal, entre outros; e 5 - utilização e controle do brinquedo (bola, bambolê, argola, corda). Com estruturação semelhante, os dados de outras disciplinas, além da música, foram anotados no ano de 2008, e consistiram de atividades resultantes de práticas, tais como: arte circense e percussão. Os sujeitos participantes apresentaram perfis como distúrbios mentais, motores e físicos; e conseqüentemente, dificuldades de aprendizagem. Todos os dados coletados foram estudados por análise interpretativa (processo de reflexividade), através da qual o pesquisador tentou descobrir sentido nos dados qualitativos. Foram procurados indícios, segundo fundamentações teóricas, para os diversos elementos, constitutivos da inclusão, respeitada a literatura da área.

⁴ Conceito de Confiabilidade – Segundo Bauer e Gaskell (p. 495, 2003), a construção do *corpus* e a descrição detalhada, na pesquisa qualitativa, são medidas para construir a confiabilidade.

Este estudo, além desta parte introdutória, considerada o Capítulo 1, apresenta um adicional de 5 capítulos, que trata, entre eles dos seguintes assuntos: Capítulo 2 – Educação Inclusiva; Capítulo 3 - Educação Musical e o Papel da Música na Educação Inclusiva; Capítulo 4 - Metodologia; Capítulo 5 - Análise; e, para finalizar, o Capítulo 6 – Considerações Finais.

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Tratando do conceito de inclusão, Karagiannis (1999) diz que “... o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural...” (KARAGIANNIS, p.21), e que devem ser atendidos em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos devem ser satisfeitas. Coincide com ele Mazzotta (1987), para quem:

Todo aluno, independente das dificuldades advindas de sua deficiência, poderá, a seu modo e em seu tempo, beneficiar-se de programas educacionais, desde que lhe sejam dadas oportunidades adequadas para que possa desenvolver o seu potencial de aprendizagem e, conseqüentemente, integrar-se (MAZZOTTA, 1987).

A inclusão, segundo Souza (2008 p. 61), diz respeito ao convívio dos desiguais de maneira igualitária, reconhecendo as desigualdades: “... Imaginar uma sociedade formada por sujeitos iguais é ignorar a essência do ser humano e esquecer que uma sociedade é melhor avaliada pelas suas diferenças.” Para ele, estas providências implicam em mudanças estruturais na cultura, na construção de uma nova postura pessoal e pedagógica, na vida de relação e na sociedade (SOUZA, p. 61). Defende as mesmas idéias o pesquisador Booth (1997). Para ele:

A perspectiva de inclusão parte do princípio de que há diversidade dentro de grupos comuns e de que esta [diversidade] está vinculada ao desenvolvimento de uma educação comunitária obrigatória e universal. Tal perspectiva preocupa-se com o incentivo à participação de todos [grifo nosso] e com a redução de todas as pressões excludentes (BOOTH, p.338).

Somados a eles, Paula e Regen (2005), mostram a concepção de inclusão baseando-se na idéia de pessoas diferentes convivendo em ambientes comuns, valorizando-se assim a diversidade humana. Souza (2008), afirma que a Constituição emendada em 1988, chamada *Constituição Cidadã*, acrescentou para as pessoas com deficiência o direito à educação, em complemento ao direito à educação especial que já era assegurado na constituição anterior (SOUZA, p. 32).

No Brasil, por meio da LDB/96, a educação inclusiva é contemplada de modo a garantir o ingresso e a permanência das pessoas com deficiência no ensino regular e, posteriormente, com a promulgação da Resolução nº 2 do CNE/CEB de 2001, institui-

se as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica; contemplando o que apregoa a Declaração de Salamanca:

Todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação e que a elas deva ser dada a oportunidade de obter e manter nível aceitável de conhecimento. As pessoas com NEE devem ter acesso às escolas comuns que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades.

Segundo Censo Escolar de 2005, de um total de 566.753 crianças e adolescentes com deficiência, matriculados, deles 51,4% têm deficiência mental. A educação inclusiva no país cresceu de 24,7% em 2002, para 34,4%, em 2005. A região Nordeste apresenta o maior índice de alunos com deficiência em classes comuns (42%), seguida pela região Centro Oeste (41,8%) e região Sudeste (33,1%). Infelizmente, as crianças com deficiência mental ainda se encontram em maior número nas classes e escolas especiais e em instituições especializadas, havendo, ainda, um longo caminho a percorrer no que diz respeito à sua inserção na rede regular de ensino. Com base no texto publicado, em janeiro de 2008, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), podemos perceber que a Inclusão Escolar é um direito de todos apoiado por políticas públicas que devem sustentar, ainda, todo processo inclusivo.

Com base no texto publicado pelo MEC em 2008, nota-se que este ministério via a Inclusão Escolar como um direito de todos, apoiada por políticas públicas que deveriam sustentar todo o processo inclusivo. Senão, vejamos:

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural

da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas .

Dados mais recentes de Figueiredo (2010), sobre as realidades numéricas do atendimento especial e inclusão mostram que em relação à Educação Especial, o documento com indicações para subsidiar a construção do Plano Nacional de Educação 2011-2020, do Conselho Nacional de Educação (da Comissão Bicameral para Estudo do Plano Nacional de Educação para o período de 2011-2020, divulgado pelo CNE para subsidiar a construção do PNE 2011-2020) dá indicações precisas sobre as dificuldades de avanço nesse âmbito. Sobre as crianças com deficiências, o autor comenta que afirma o texto que:

Enquanto 70,8% cursam o Ensino Fundamental, apenas 2,5% estão no Ensino Médio. (...) Em 2008, o Brasil apresentava um total de 319.924 matrículas na Educação Especial por nível de ensino em escolas exclusivamente especializadas e/ou classes especiais, segundo o INEP. Apresenta, também, um total de 375.775 matrículas em classes comuns o que demonstra avanços nos processos de inclusão. Das etapas e modalidades da Educação Básica o Ensino Médio e a Educação Profissional são aqueles que revelam maiores limites em termos de matrícula, em 2008. As escolas exclusivamente especializadas apresentam um total de 2.768 matrículas no Ensino Médio e 4.952 na educação Profissional. Das classes comuns (inclusão) o Ensino Médio apresenta 17.344 matrículas e a Educação Profissional é responsável por somente 546 (CNE, p.25). (FIGUEIREDO, 2010, p.13).

Complementa o autor que este diagnóstico revela o que se segue:

...se algum progresso foi feito em relação a questões relativas à integração e inclusão de pessoas com deficiência, por outro lado fica claro que o Estado brasileiro ainda se responsabiliza muito pouco em relação a esses indivíduos, em especial após a faixa etária até 6 anos de idade (FIGUEIREDO, *ibid.*, p.13).

Para ele, é ainda frágil a caminhada na direção de promover, de forma integrada e em todos os níveis e modalidades educacionais, a atenção específica às demandas dos estudantes com necessidades especiais.

Esta dificuldade se deve ao fato de que se sabe ser a inclusão escolar dependente de investimentos do governo e de aporte financeiro e é vista como um processo

dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilita, por exemplo, a construção de processos complexos. Tais processos podem ser os lingüísticos adequados, os de aprendizado de conteúdos acadêmicos e os de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação entre ele e os colegas. Além destes aspectos sistêmicos, é preciso que haja um quadro disponibilizado de professores especializados e bem pagos para que a revolução aconteça.

Portanto, a inclusão escolar pode, quando consolidada de maneira universal, possibilitar o atendimento ao educando com qualquer tipo de déficit, seja físico, motor ou cognitivo, garantindo sua permanência na escola e a aquisição dos conhecimentos necessários à sua sobrevivência em sociedade. Entende-se a diferença entre sujeitos como o que resulta das habilidades e impossibilidades de cada um, em seus múltiplos e complexos comportamentos; e, ainda, as diferenças advindas do que foi vivido a partir de suas realidades sociais e culturais. A permanência do educando na escola depende da aceitação, da motivação, do domínio afetivo e da autoconfiança que ele adquire ou não, quando entra no ambiente escolar. Esses fatores e tantos outros podem facilitar a permanência e a aprendizagem.

Para Mantoan (2004):

O sucesso das propostas de inclusão decorre da adequação do processo escolar à diversidade dos alunos e quando a escola assume que as dificuldades experimentadas por alguns alunos são resultantes, entre outros, do modo como o ensino é ministrado, a aprendizagem é concebida e avaliada (p.79).

O mesmo autor (2005), afirma ainda que a inclusão seja a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Portanto, a inclusão é estar com, é interagir com o outro.

A definição da deficiência e da pessoa com deficiência foi estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), no contexto da experiência em matéria de saúde, com a seguinte distinção entre deficiência, incapacidade e invalidez:

Deficiência: toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. **Incapacidade:** toda restrição ou ausência (devido a uma deficiência), para realizar uma atividade de forma ou dentro dos parâmetros considerados normais para um ser humano. **Invalidez:** uma situação desvantajosa para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita ou impede o desempenho de uma função normal no seu caso, levando-se em conta a idade, o sexo e fatores sociais e culturais (OMS, 1980).

Faz-se oportuno aqui lembrar as palavras de Teixeira (1956), que dizia que a escola é o lugar onde as oportunidades devem ser oferecidas de forma igualitária para que seja possibilitada a integração social, num sentido muito mais amplo do que a simples convivência. E que para Masi (2008), é necessário pensar que a escola é um local importante para a aprendizagem intencional, uma vez que exige situações sociais específicas e instrumentos de mediação. A Declaração de Salamanca (1994) defende o compromisso de que a escola deve assumir a educação de cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, independente de sua origem social, étnica ou lingüística. O princípio norteador é o de que:

Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalização. (Declaração de Salamanca, p. 17-18)

Com isso a educação inclusiva não deve se ocupar somente das crianças portadoras de deficiência, ou de encontrar alternativas para a escola especial. Muitos outros grupos – crianças que vivem na pobreza, crianças de minorias lingüísticas e étnicas, meninas (em algumas sociedades), crianças que moram em áreas afastadas –, encontram dificuldades em escolas regulares no formato em que hoje estão constituídas.

A abordagem inclusiva não trata somente de reformar a educação especial. Uma escola inclusiva não é simplesmente aquela que só educa crianças portadoras de deficiência. Pelo contrário, a educação inclusiva se ocupa com a redução de todos os tipos de barreiras ao aprendizado, e com o desenvolvimento de escolas regulares que sejam capazes de atender às necessidades de todos os alunos. Portanto, a educação inclusiva faz parte de um movimento mais abrangente em busca de uma sociedade mais justa para todos os cidadãos. Assim, de acordo com Mazzota (1996), cada criança é importante para garantir a riqueza do conjunto, sendo desejável que na classe regular estejam presentes todos os tipos de aluno, visando manter os diversos alunos no espaço escolar, levando-os a obtenção de resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social.

Os alunos com necessidades especiais, apesar de estarem fisicamente na sala de aula, terão que vencer barreiras de preconceito e falta de acessibilidade e na maioria das vezes encontrarão professores despreparados e desinformados acerca de suas necessidades e, principalmente, de suas possibilidades. É preciso apoio de toda a sociedade para que a inclusão saia do âmbito da legislação e ocorra de fato. Com isso, certamente as situações de despreparo e inabilidade nesse processo tenderão a desaparecer.

3 A EDUCAÇÃO MUSICAL E O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A atual legislação brasileira, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a área de Arte é incluída como componente curricular obrigatório da educação básica reconhecendo sua importância enquanto área de conhecimento humano, na formação e desenvolvimento de crianças e jovens:

No ensino fundamental a Arte, enquanto componente curricular, passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de Artes, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança (BRASIL, 1998, p.19).

Também está disponível neste documento a seguinte afirmação:

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano (ibid., 1998, p. 80).

Além disso, se o ensino da música em escolas especializadas restringe-se aos alunos com um mínimo de poder aquisitivo, é na escola regular que essa desigualdade poderá ser amenizada, pois a educação musical não implica, a priori, a aquisição e execução de algum instrumento musical, e sim a construção do conhecimento e o entendimento de conceitos teóricos que possibilitem o fazer musical criativo. Ciavatta (2003) expõe um dos pressupostos do método '*O Passo*':

Trabalhamos, hoje, cada vez mais, na perspectiva de que os únicos recursos necessários para efetivar um processo de educação musical (todo o processo) sejam apenas palma e voz, ritmo e som, nos únicos instrumentos que podemos garantir (CIAVATTA, p. 25).

Portanto, o objetivo da educação musical é proporcionar à criança novas possibilidades de linguagem na tentativa de incorporar elementos novos ao seu cotidiano. A proposta da educação musical segundo Soares (2004) é desenvolver a

sensibilidade estética e artística, assim como a imaginação e o potencial criativo, além de favorecer a atenção, a percepção de detalhes e a memorização, proporcionando aos alunos a oportunidade de fazer e apreciar música na sua realidade e de outros contextos, ampliando sua visão de mundo.

A música pode contribuir para tornar o ambiente escolar mais alegre e favorável à aprendizagem. Segundo Snyders (1992):

... propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente (SNYDERS, p. 14).

Além do papel da música na escola mencionada por Snyders (1992), a música também pode ser usada no aprendizado de diversas disciplinas. O educador pode selecionar músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado em sua área, isso vai tornar a aula dinâmica, atrativa, e vai ajudar a recordar as informações. Mas, a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e um bem cultural. A escola deve ampliar o conhecimento musical do aluno, oportunizando a convivência com os diferentes gêneros, apresentando novos estilos, proporcionando uma análise reflexiva do que lhe é apresentado, permitindo que o aluno se torne mais crítico.

Conforme Mársico (1982, p.148):

“[...] uma das tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sócio-cultural de que provenha”.

Com isso é possível argumentar que a educação musical na escola regular pode beneficiar o processo de inclusão, uma vez que a mesma é uma ferramenta prazerosa e capaz de potencializar o desenvolvimento humano.

Pode-se ainda argumentar que as atividades relacionadas à música servem de estímulo para crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais. As atividades de musicalização, por exemplo, servem como estímulo a realização e o controle de movimentos específicos,

contribuem na organização do pensamento, e as atividades em grupo favorecem a cooperação e a comunicação (CHIARELLI, 2005). Para fortalecer essas idéias, pode-se citar França (2005), que complementa ser a música auxiliadora de crianças portadoras de atraso do desenvolvimento ao “ ... oferecer recursos motivacionais e mobilizadores, altamente adequados para o desenvolvimento da atenção, memória, comunicação, habilidades motoras, amadurecimento emocional e socialização”(FRANÇA, p.4). E Joly (2003), defensora de princípios semelhantes, afirma que a música beneficia a criança portadora de problemas de desenvolvimento da linguagem e que, portanto, não conseguindo falar corretamente, pode melhorar sua expressão:

... a música, o gesto, o movimento e o ritmo organizado de uma canção facilitam a fala de pequenos fragmentos de frase, o que permite que essa criança se integre no contexto da aula. A repetição criativa de vários conceitos conduz à aprendizagem sem medo e inibições e conseqüentemente desenvolve a auto-estima da criança (JOLY, 2003)

Segundo ela, para determinar que metodologias musicais possam ser usadas na inclusão através das aulas de música, é possível aplicar as idéias de educadores musicais tais como Willems, Kodály, Dalcroze, Gainza, Schafer, Koellreuter. Estes educadores musicais praticaram propostas que serviram de base para muitas metodologias utilizadas por educadores musicais brasileiros, que estabeleceram programas de ensino para crianças normais e que podem servir de base para o trabalho com os portadores de necessidades especiais (ibid., 2003).

Exemplifica-se um destes autores da metodologia da música, que é Gainza (1988), que afirma que as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos:

Físico: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga; **Psíquico:** promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro; **Mental:** proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão (GAINZA, 1988).

Garcia (2005) também discorre que a contribuição da música no crescimento geral do educando pode configurar-se como agente de desenvolvimento sensorial e emocional, estímulo mental, como forma de sensibilização, além de proporcionar

gratificação e êxito. A autora ressalta ainda que esses aspectos entrelaçados fundem a mente, o corpo e as emoções numa experiência importante ao desenvolvimento dos processos cognitivos.

Essas linhas de pensamento justificam o entendimento de que a educação musical na escola regular certamente beneficiará o processo de inclusão, onde todos os recursos precisam estar disponibilizados. Nada mais justificado do que poder contar com essa ferramenta tão prazerosa e capaz de potencializar o desenvolvimento humano. De acordo com Louro (2003), para que o portador de necessidades especiais possa ter acesso à educação musical de forma satisfatória, é preciso que: 1 - as escolas ultrapassem as barreiras do preconceito; 2 - haja investimento na formação do professor, que inclui material didático específico, adaptações ou recursos alternativos; 3 - haja adaptação arquitetônica do local, garantindo não apenas a acessibilidade física do aluno, como também o seu próprio fazer musical.

Além destes aspectos de ordem organizativa, pensa Nascimento (2005) que é importante que o educador musical tenha “... o conhecimento dos impedimentos atuais de seus alunos, da necessidade de adaptações para o manuseio dos instrumentos ou adaptações no nível de exigência do aprendizado” (NASCIMENTO, p.3).

Finalizando, pode-se continuar a argumentação deste estudo de que a música também, além de favorecer o desenvolvimento emocional de pessoas com necessidades especiais, promover a conscientização pessoal, o despertar de emoções e da espontaneidade, favorece, inclusive, a integração social e emocional. Lembrando as palavras de Soares (2004): “...Isso significa que todos são capazes de aprender a se expressar musicalmente, não havendo razões para a exclusão” (SOARES, p.1).

3.1 O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A música é um excelente instrumento para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e do autoconhecimento, visto que proporciona a interação entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, como também a promoção

da comunicação social. A expressão musical é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivos e afetivos, e também na exploração de materiais sonoros (TRISTAO, 2006).

Segundo Louro (2006), “... a musicalização trabalha todos os aspectos psicomotores necessários...”, colaborando para o desenvolvimento das várias habilidades: motora, lingüística e musical propriamente dita, para a socialização; além de proporcionar momentos de prazer para a criança onde ela possa relaxar, para uma boa aprendizagem futura, seja esta musical ou de outras áreas. Diversos conteúdos podem ser explorados pelos educadores musicais de várias formas diferentes. Os conceitos musicais (andamento, intensidade, ritmo e som), o canto, as possíveis formas de trabalhar a socialização e os aspectos relacionados à cultura assumem função importante no aprendizado musical.

Florraine Bauer⁵, quando discorrendo que a música ajuda na alfabetização de crianças, comenta que:

“... a música atrai a criança, serve de motivação, deixa-a mais atenta e é um instrumento de cidadania, contribuindo para a elevação de sua auto-estima. A isso se deve o grande número de projetos de educação através da música no Brasil e seu sucesso” (BAUER, 2000, p.4).

Ilari (2003b) pensa que o educador musical deve estar atento para o desenvolvimento de cada criança, não como alguém que se limita a fazer um simples diagnóstico, mas visando contribuir para o desenvolvimento de sua inteligência musical e construção de seu conhecimento. Por esse motivo é importante que o professor de música conheça sobre a psicomotricidade; pois diante de um sujeito com necessidades especiais, que possua muita dificuldade em compreender e/ ou executar os aspectos musicais, achar que ele é incapaz de aprender música, nas questões práticas ou teóricas, pode indicar que uma falha na capacidade interna para tal aprendizagem (LOURO, 2006). Ainda, segundo Ilari (2003a), não é necessário realizar nenhuma mágica para que o desenvolvimento cognitivo e a inteligência musical ocorram, mas que o educador só precisa fazer e vivenciar “música” em suas aulas. O importante é proporcionar aos

⁵ BAUER era, em 2000, Assessora de Comunicação do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

sujeitos momentos de prazer com atividades que lhes tragam alegria e lhes possibilitem um melhor desenvolvimento.

Tanto para Beyer (1988) como para Ilari (2003b), a música proporciona vários benefícios por causa de suas características intrínsecas (intensidade, andamento, entre outros elementos), colaborando para uma melhor formação de estruturas cognitivas, resultando numa melhora na aquisição das habilidades, levando o sujeito a uma maturidade emocional, que é a base para a construção dos relacionamentos humanos.

A Educação Musical, atualmente, fundamentada nos estudos da Psicologia Cognitiva, direciona a aprendizagem para o sujeito, considerando suas potencialidades, expectativas e limitações. Louro (2006) discorre que Violeta Gainza indica que “... a educação musical é o modo de sensibilizar e desenvolver integralmente o educando, e capacitá-lo para tornar possível seu sucesso ao conhecimento e prazer musical...” (LOURO, p.64).

A música tem grande repercussão sobre a identidade dos sujeitos, sua autoestima, expressividade, socialização, alfabetização, capacidade inventiva, raciocínio, sensibilidade e percepção sonora, contribuindo também para o desenvolvimento cognitivo (MOURÃO, 2007). Arten (2007) comenta que Hans-Joachim Koellreutter, educador musical e conceituado compositor alemão naturalizado brasileiro, afirma que a música é um meio de desenvolver faculdades para o exercício de qualquer atividade. De acordo com suas palavras, a música trabalha a concentração, a autodisciplina, a capacidade analítica, o desembaraço, a autoconfiança, a criatividade, o senso crítico, a memória, a sensibilidade e os valores qualitativos. Pode-se afirmar, segundo Amorim (1956), que a educação musical é uma ciência ou área de conhecimento que visa englobar todas as manifestações musicais e o conjunto de meios pelos quais a música atinge a sensibilidade humana.

É importante notar que a área de educação musical no Brasil vem, cada vez mais, se estabelecendo como uma área que tem grande potencial teórico e prático para dar contribuição aos projetos multidisciplinares e interdisciplinares trazendo novas e boas perspectivas para a educação de maneira geral (JOLY, 2003). De fato, a Educação Musical é diferenciada dos processos comuns de educação, pois lida com um sistema de significados próprios da área. Segundo Violeta Gainza (1986), o objetivo do aprendizado de uma linguagem é permitir que o sujeito expresse todas as idéias que

passarem pela sua cabeça, e jamais devem se contentar em repetir frases e expressões prontas. No entanto, para que ele possa fazer isso, é preciso dominar algumas ferramentas básicas da linguagem musical. Assim, para expressar idéias musicais, o sujeito tem que possuir alguma noção básica dos elementos musicais, ainda que intuitiva e até mesmo sem necessariamente usar os nomes técnicos. A interpretação e a improvisação, neste contexto, podem ser exercitadas juntas. Portanto, a educação musical requer novas propostas, novas possibilidades de intervenção educativa, pois é nessa fase da escolaridade (ensino fundamental) que se dá a formação e o desenvolvimento de habilidades importantes para o desempenho futuro do indivíduo (LOUREIRO, 2001).

A preocupação em buscar novas opções para a educação e para a inclusão faz com que aproveitemos a música como uma alternativa, possibilitando a manutenção de um constante diálogo com outras ciências humanas, conscientes da necessidade de um ensino mais crítico e criativo no contexto de uma educação musical integrada com a comunidade social.

Loureiro (2001) comenta que para o educador musical Sérgio Henrique Alves de Andrade, a música não está na escola como uma atividade recreativa, mas sim na construção do conhecimento. Ele vê, como primordial, o resgate cultural e ressalta que “... as crianças geralmente não têm acesso à música popular, à diversidade de ritmos. Quando levamos isso para a sala de aula, elas se interessam.” (ibid., 2001).

Alvin (1966), afirma que a música pode representar para os sujeitos portadores de necessidades especiais, um mundo não ameaçador com o qual eles podem se comunicar, se integrarem e se auto-identificarem. Ainda de acordo com a autora, a música pode oferecer oportunidades para o sujeito deficiente ampliar os limites físicos ou mentais que possui. As atividades musicais podem contribuir também para despertar a consciência perceptiva, o desenvolvimento da discriminação auditiva e do controle motor. Além disso, as atividades musicais podem favorecer a integração social e emocional do sujeito, influenciando positivamente sobre sua atitude com relação ao jogo, ao trabalho, a si mesmo e ao meio em que vive. Finalmente, Joly (2003) discute que a base da música é o som e este produz diferentes mudanças psíquicas no sujeito, atuando sobre seu estado mental, emocional e físico; e que a música está estritamente ligada à vida do sujeito, parecendo provocar mudanças na conduta dos mesmos, fazendo com

que se adaptem melhor à vida escolar, contribuindo para a sua interação social e melhor rendimento nas atividades de aprendizagem.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho constou da análise de dados que consistiram de um estudo detalhado do *Corpus* de documentos já coletados do Projeto de Pesquisa Arte e Inclusão do CEPABF, no período de fevereiro a dezembro de 2008, disponibilizado pela entidade. Este projeto contou com a participação de profissionais como pedagogos, psicólogo e musicoterapeuta, intérprete de LIBRAS, especialistas em Música e Arte Circense.

A Educação Inclusiva, neste projeto, foi definida como o processo de atendimento para promover a inserção de sujeitos com necessidades especiais, distúrbios de aprendizagem, em todos os seus níveis, onde a educação é quem deve adequar-se aos seus alunos, visando, sempre, a inserção destes na sociedade. Um projeto como este desperta o interesse para análise uma vez que afirma a importância do ensino de música na inclusão social no âmbito da educação; de igual modo, indica que há na prática uma carência de propostas e de realizações, não só na rede pública de ensino, como em todas as instituições de ensino particular.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, que propôs uma análise dos dados documentados no CEPABF, teve a duração de um ano. Foram contabilizados, neste prazo, a elaboração do projeto, os estudos bibliográficos, o estudo e análise dos dados disponibilizados e a defesa pública da dissertação. Os dados já foram disponibilizados e analisados tendo como base os (06) seis critérios que, segundo Bauer (2003), garantem a boa prática para a pesquisa qualitativa: 1 – a triangulação e a reflexividade de perspectivas; 2 – a documentação transparente de procedimentos; 3 – os detalhes da construção do *Corpus*; 4 – a descrição detalhada dos resultados; 5 – a evidência da surpresa pessoal; e 6 – a validação comunicativa (pág. 481).

Os dados resultaram de protocolos redigidos pelos pesquisadores envolvidos na equipe da escola. Os documentos são descrições de acontecimentos das sessões/aulas desenvolvidas pelos professores da equipe. Foi respeitada a escrita e os comentários anotados nos protocolos e as seqüências atribuídas pelos professores, que comentaram o que viam, enquanto realizando a atividade. Manteve-se, também, o sigilo quanto à identidade dos sujeitos envolvidos. A análise dos protocolos é dedutiva e os elementos

essenciais, que mostram a surpresa pessoal deduzida dos fatos, foram descritos, categorizados e comentados pelo pesquisador, respeitada a *construção de confiabilidade*⁶.

A sistematização metodológica dessa pesquisa foi construída para produzir uma análise documental, pois se baseia na interpretação e/ou reflexão sobre os dados de arquivos da escola. Na análise foram utilizados três tipos de dados documentais: 1 - os planejamentos de aulas desenvolvidas no período da pesquisa. 2 - os protocolos dos profissionais do Projeto; e 3 - os diagnósticos anotados sobre cada sujeito, que terão identidade preservada. O *Corpus* dos dados, objeto da análise que foi procedida, resultou das anotações da participação de (26) vinte seis sujeitos; sendo (14) quatorze do sexo masculino e (12) doze do sexo feminino; faixa etária de (05) cinco a (28) vinte e oito anos; e foram coletadas duas vezes por semana, em 2008. As sessões foram de cinquenta minutos e as atividades que envolviam os seguintes passos: 1 - motricidade (marcha, pulso, saltitos); 2 - motivação para a expressão da afetividade; 3 - prática de vivência musical (leitura e escrita); 4 - ensino de instrumento (flauta doce) e prática do canto individual e grupal, entre outros; e 5 - utilização e controle do brinquedo (bola, bambolê, argola, corda). Com estruturação semelhante, os dados de outras disciplinas, além da música, foram anotados no ano de 2008, e consistem de atividades resultantes de práticas, tais como: arte circense e percussão. Os sujeitos participantes apresentaram perfis como distúrbios mentais, motores e físicos; e conseqüentemente, dificuldades de aprendizagens. Todos os dados coletados foram estudados por análise interpretativa (processo de flexibilidade), através do qual o pesquisador tenta descobrir sentido nos dados qualitativos. Foram procurados indícios, segundo fundamentações teóricas, para os diversos elementos que constituem a inclusão, respeitada a literatura da área.

Faz-se necessário a transcrição abaixo, dos Protocolos (que consistem do compêndio dos dados disponibilizados pelo CEPABF), uma vez que após o estudo dos mesmos, chegou-se à proposta dos seguintes detalhamentos, que serão desenvolvidos no capítulo 5, que trata da análise propriamente dita:

1. Observações do conteúdo resultante dos dados
2. Descrição das atividades e estruturas resultantes das propostas
3. Comentários dos conteúdos programáticos

⁶ Conceito de Confiabilidade – Segundo Bauer e Gaskell (p. 495, 2003), a construção do *corpus* e a descrição detalhada, na pesquisa qualitativa, são medidas para construir a confiabilidade.

4. Mudanças psicológicas providenciadas pela participação dos sujeitos na proposta; e
5. Estudos de Casos.

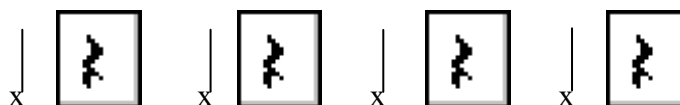
PROTÓCOLOS – Dados do Projeto Arte Inclusão Centro Profissionalizante de Arte Basileu França

1º SEMESTRE DE 2008

FEVEREIRO

19/02/2008 – 1ª aula

1. Saudação: Bom dia
2. Afeto: A magia do abraço / Sai Piaba
Sai, sai, sai Piaba
São da lagoa
Poe a mão na cabeça
A outra na cintura
Dá um remelexo no corpo
E um abraço (bundada) no outro
3. Contração / Relaxação
 - Monstrinho / palhacinho mole
4. Movimento das mãos:
 - Fecha / abre – mãos na frente do corpo com palmas voltadas uma pra outra (fecha, afastar as mãos na mesma posição abrindo os braços)
 - Fecha / abre, Fecha / abre...
 - Música: Brilha estrelinha
5. Marcha / caminhar
 - a. Pra frente, pra trás (pé esquerdo pra frente)
 - b. Andando, falando, esquerdo, direito – alternando os pés (música: Brilha estrelinha)
 - c. Com a clava: sentados – fricção das clavas e afastamento:



- d. O mesmo da letra “c” com som e sílaba lá:

4. Pulso: Bola
5. Marcha: com bambolê
 1. Pé contar 1,2
 2. Bambolê 1,2
 3. Bola 1,2
6. Brasil infantil
7. Quem mexeu saiu

OBS:

Ez. : Ok conseguiu professor de violão 5ªf. 8:10

Lo. : mais expressiva tanto nas cantigas iniciais como na chamada cantada. Ela fez o gesto independente do professor. Melhorou muito em relação à aula passada.

Lo. faz a concha para baixo.

Vini.: não veio

Ale.: Ok

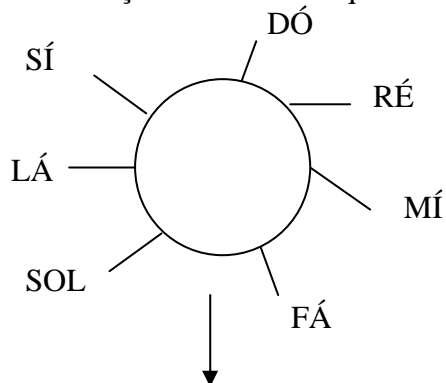
28/02/2008 – 4ª aula

1. Saudação: Bom dia
2. Afeto: Peixe vivo
3. Marcha: com música – Dalcroze
4. Pirulito que bate bate, virando as mãos batendo as mãos.
5. Adoleta

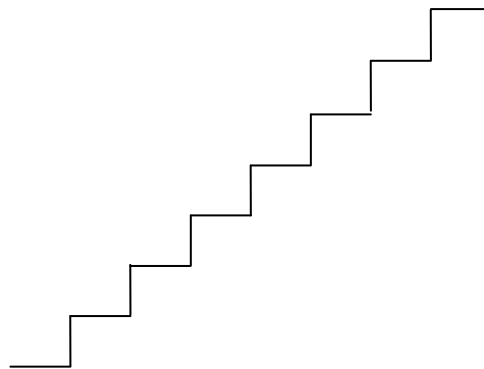
MARCO

04/03/2008 – 5ª aula

1. Saudação: Bom dia
2. Afeto: Sai Piaba
3. Contração / Relaxação: Foguete nao
4. Respiração
5. Introdução do nome e sequência das notas.



Essa sequência é primeiro



a. Expressar a sequência com movimentos do corpo.

6. Introdução Pauta no chão
7. Flauta doce – si – lá – sol – tu
8. Teatro não

A galinha do vizinho – as cores para a galinha e os gestos – cada criança cria o seu.

Lu.: e Vini.: fizeram as atividades corretamente.

Jo.: Ok

Ez. : Ok

Lo. : dificuldade de pisar na linha e no espaço movimenta na marcha. Compreende a atividade quando solicitada, mas não apresenta dificuldade na execução.

06/03/2008 – 6ª aula

1. Saudação: Bom dia
2. Afeto: Sai Piaba/ Contração / Relaxação / Respiração
3. Linhas na Pauta: no chão e no cartão e espaço.

Lu.: Ok

Jo.: apresentou pouca assimilação, sem conexão com o concreto; notinhas nas linhas (chão, cartão) – final do período pré-operatório.

Ez. : Ok (colaborador)

Lo. :dificuldade em assimilar linhas da Pauta e colocar as notas. Ainda precisa de ajuda. Idade mental para o exercício de 2 anos e meio.

11/03/2008 – 7ª aula

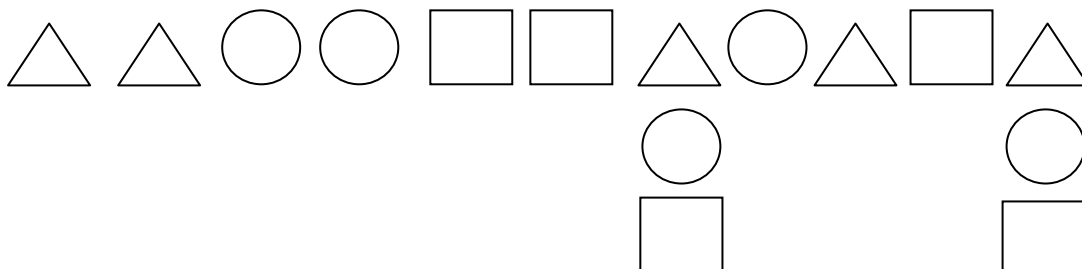
1. Saudação: Bom dia
2. Afeto
3. Contração / Relaxação – Expressão – Pisa no chiclete
4. Respiração
5. Desenvolvimento da atenção / Jogo da atenção dentro do pulso



6. Flauta no jogo de atenção

JOGO DE ATENÇÃO:

a. EVA: montar células com as figuras geométricas e depois tocar na flauta. Cada aluno é uma figura geométrica.



Tha.:D. A.

Ana.:D.A. dificuldade um pouco na marcha. Chorou e pediu a mãe para sair, mas logo retornou.

Lu.:brincou bastante

Jo.: mal abre a boca, não sabe nome de notas referindo-se as formas geométricas.

Lo. : melhorou na marcha, desatenta, diminui um pouco os afetos, mas no 2º horário com a Tati. os afetos foram evidentes. Observa mais o outro do que faz as atividades.

Vini.: reclama das atividades e faz as que lhe interessa.

13/03/2008 – 8ª aula

1. Saudação: Bom dia
2. Afeto: Sai Piaba
3. Contração / Relaxação
4. Respiração
5. Atenção



Distribuição em pares da formação

- a. Iniciar com 2 figuras
Escrita Pintar a Pauta

Lo. : teve dificuldade no monstrinho, melhorou nos gestos e está mais participativa. Nas linhas da Pauta no chão no momento de colocar a nota na 3ª linha colocou na 2ª mas tem compreensão das linhas e fez corretamente pisando sobre elas. No exercício de pintar as notas nas linhas, contou sozinha apontando as mesmas.

Lu.: e Jo.: excluídos pela idade e comportamento

Vini.: Ok

Ez. : Ok

18/03/2008 e 20/03/2008 – 9ª aula

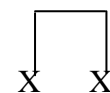
1. Saudação: Bom dia Como está
2. Afeto *não*
3. Contração / Relaxação *não*
4. Respiração *não*
5. Atenção



Em pares

6. Clave de sol: Pintar *Ok*
7. Introdução da colcheia

- a. com palmas
- b. clava
- c. flauta



Ba- la

Vini. e Ez. : si, la, sol, la, si, si / la,la,la,si,re,re / si,ls,sol,la,si,si,si / la,la,si,la,sol.

Pintar clave de sol

Lo. : fez progressos na flauta quanto a articulação dos dedos na nota si e lá. Compreendeu a sequência de colcheias.

El.: ficou o tempo todo procurando pelos “crachás”, o que ao meu ver, era uma forma de ter um certo acesso, ao nosso seio. A mãe que estava presente na sala confirmou que era isto. Fala “oi mãe” varias vezes durante a aula. Toda vez que ela fala isto, corrigimos falando o nosso nome. A mãe disse achar que este “oi mãe” não tem nenhum significado, que quando ela cisma de falar uma coisa ela fala um tempo e depois pára.

Na aula, não participou bem nas tarefas com a palavra Ba-la que significava a colcheia,



. Com as clavias o resultado foi melhor. E com a flauta, ficou manuseando, mas soprar só em um momento.

No exercício de pintar a clave de sol, a 1ª coisa que fez foi rasgar o papel e depois conseguiu passar o giz-de-cera por cima da clave.

Achei menos disposta do que a aula passada.

Vini.: está mais comportado depois da saída do Lu. e Jo. Foi muito bem na flauta e adorou pintar a clave de sol.

Ez. : Comportamento excelente como sempre!

25/03/2008 – 10ª aula

1. Saudação: Bom dia Como está
2. Afeto
3. Contração / Relaxação
4. Atenção



Azul



vermelho



rosa

5. Flauta: *Tu tu-tu tu*
si – la – sol
1 2 3

El.: o tempo todo movimentou caminhando pela sala. As atividades não foram percebidas por ela. Lu. a conduziu o tempo todo.

Vini. apavorou com o comportamento de El. e teve que sair da sala pois expressou através do choro e comunicando com a professora que tinha medo de El. Fran. o encaminhou para outra sala. Vini. foi convidado a frequentar outra turma.

Lo. : melhora na articulação dos dedos notas: si, la na flauta, bem como a articulação sonora. Fez as atividades de pulso quase perfeita com compreensão da ordem das cores e batidas.

Ez. : OK

Ana.: compreendeu a atividade de pulso batendo palma com mais facilidade. Na execução da flauta pronunciou corretamente o *tu*, pois conseguiu ler os lábios.

27/03/2008 – 11ª aula

1. Saudação: Bom dia Como vai
2. Afeto: Canção da percepção
3. Contração / Relaxação: elevar os braços acima da cabeça, contrair o corpo e soltar
4. Pulso: Adoleta
 - a. Com música:

1. Binário – canção com compasso binário movimentando as mãos (ora palmas pra cima, ora pra baixo).
2. Ternário – 1º tempo bater palmas
2º cruzar as mãos
3. Quaternário - 1º bater palmas
2º e 3º cruzar as mãos
4º bater as mãos nas do outro
5. Atividade com a flauta
 - a. Articulação das notas si e lá

ABRIL

01/04/2008 e 03/04/2008. – 12ª aula

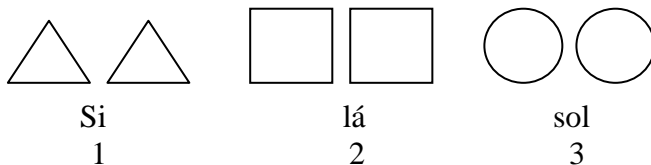
Repetir a aula anterior pois só a El. que compareceu
OBS: A aula foi com El., Lo., Ez.

Trabalho: estímulos auditivos e gestuais enquanto que Ez. acompanhava na flauta os movimentos com as notas si, la e sol.

Objetos utilizados: apito, bola, sentar na posição de índio e cantar músicas Repiu piu piu e outras. El. se deliciou sorrindo bastante ao ouvir a música do repiu.

08/04/2008 e 10/04/2008. – 13ª aula

1. Saudação
2. Afeto
3. Contração / Relaxação: monstrinho
4. Pulso: compassos binário, ternário, quaternário com música (idem a aula anterior)



Uma nota para cada figura

15/04/2008 – 14ª aula

1. Saudação *não*
2. Afeto *não*
3. Respiração *Ok*
4. Contração / Relaxação: *não*
5. Pauta musical:
 - a. Corpo (chão). Pisar nas linhas e nos espaços
 - b. Com as notas (chão) colocas as notas nas linhas e espaços solicitados.
 - c. No quadro: linhas e espaços
 - d. Fixar: 1ª e 2ª linha
1º e 2º espaço

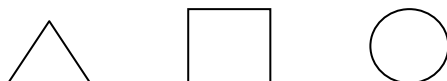
e. Cartão pautado repetir (individual)

OBS: no final da 14ª aula

17/04/2008. – 15ª aula

As atividades da aula de hoje foram:

1. Respiração / Pulso
2. Marcha com corpo acompanha música
3. Pintar as formas



4. Pauta no chão (pisar nas linhas)

El.: falou “Ed” subtraindo a sílaba “na”. Grandes progressos.

a. Falou “oi” (pra Ed.)

b. Falou “oi mãe” e disse “como?” “oi” e sorriu. Nos mostrando que sabe como proceder. Na aula passada (3ª feira 15/04). Ed. lhe falou com comando sem estímulo pela 1ª vez: não é mais para falar “oi mãe” é: “oi” ou “oi Ed.” El. Fixou e até o final da aula falava “oi” e para provocar e chamar a atenção falava “oi mãe” e com gesto no olhar ela repetia olhando pra Ed. “oi”. Começou (15/04) a correr com a professora Ed. Como substituição da marcha. No final elevava mesmo que pouco o joelho. No final da aula no canto de despedida ela deu tchau voluntariamente demonstrando que o tchau já estava no processo de assimilação / externalização. Hoje (17/04) também ocorreu o mesmo. Pulso: Adoleta com música. El.: fez melhor.

Lo. : 15/04/08. Participou com muito entusiasmo as atividades e na flauta.

17/04. participou colorindo as formas geométricas corretamente. Está com mania de abrir muito a boca. Adoleta (pulso) com virada das mãos lentamente.

Ez. : está tocando flauta corretamente e usando o livro de flauta exercícios de 1 ao 6. Na aula de 17/04 não compareceu foi à Brasília.

22/04/2008 e 24/04/2008. – 16ª aula

1. Saudação
2. Afeto
3. Contração / Relaxação
4. Pulso: Adoleta com música
5. Marcha *Ok*
6. Flauta



(nota si) só pulso *não*

El.: enxergou a linha (pauta musical) no chão.

MAIO

06/05/2008. Não há anotações

08/05/2008.

1. Saudação
2. Afeto
3. Tensão – Relaxação

Adoleta

Teatro – fez algumas atividades relacionadas com o corpo, o movimento e a música

Música – continuamos o trabalho das notas na pauta. Cantamos a música inventada pela Ed., que tem o objetivo de fixação de cada linha na pauta. Enquanto utilizamos e pedimos para as alunas colocarem a nota na linha pedida e depois tirarem uma por uma.

Diagnóstico

Lo. : na parte do teatro, executou todas as atividades pedidas pela professora On. com sucesso.

No trabalho com a pauta, fez certinho quando era pedido em sequencia, mas se quando era pedido fora de ordem ela não acertou.

El.: ficou andando o tempo todo na sala. Voltou a falar “Oi mãe” diversas vezes. Sempre direcionado à professora Arl..Não fez o trabalho da pauta. Embora tenhamos tentado.

13/05/2008.

Atividades:

1. Respiração: com balão
 - a. Encher devagar o balão
 - b. Atividade de comando com o balão: mão direita, mão esquerda, com um dedo, joelho, cabeça.
2. Bola
 - a. Tênis / pingue-pongue

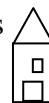
Música: Vamos aprender a fazer bolinha. Movimento circular

3. Pauta
 - a. Fixação das linhas com numeros
4. Desenhos
 - a. Forma geométrica
5. Pulso: Adoleta

Lo. : adoleta está na ultima fase com pré autonomia. Movimentos giratórios e contrários das mãos.

ME – palma pra baixo	}	precisão palma
MD – palma pra cima		rotação com bola

O peso maior das mão está concentrado na mão direita. A esquerda está como auxiliar sem peso com pouco movimento. Dificuldade e principalmente insegurança quanto à colocação dos números nas linhas. Nas figuras geométricas formação da casa ficou sem noção



viso-motora mais visto na





formação sem direcionamento pela extra


insegurança no desenho pontos fortes e círculos. A casa está em forma de círculo. Período inicial do sensorio-motor.

El.: algumas anotações estão no caderno Preensão Palmar das letras e números quanto a forma. Melhora na percepção visual durante o diálogo e alguns comandos. Preensão palmar na rotação. Não interessa muito pela aula antes já havia sido estimulada ficou cansada.

15/05/2008.

1. Saudação
2. Afeto
3. Lateralidade: bola no ar (cima e baixo)
4. Monstrinho
5. Respiração
6. Corda: equilíbrio, pular (cobrar)
7. Roda: girar para esquerda e direita
8. Bola: girar bola na palma da mão
9. Formas geométricas: forma casa  
10. Pauta: colorir notas nas linhas

El.: está respondendo melhor as atividades com a bola. Conseguiu sozinha movimentar a bola na mão movimentos rotatórios. Na corda pula ainda com os pés quase arrastando no chão.

Lo. :ainda não consegue fazer a casa com telhado  para cima. Nas atividades Pauta e corda fez melhor. No monstrinho não consegue juntar os calcanhares. Na corda a professora Ed. teve que ajudá-la com apoio para aprender a pular com os pés juntos (ao mesmo tempo).

20/05/2008, 22/05/2008 (feriado *Corpus Christe*), 27/05/2008, 29/05/2008,

Atividades:

1. Saudação
2. Afeto
3. Exploração sonora dos instrumentos e principalmente
 - a. Formas
 - b. cores
 - c. números

Lo. : falta de atenção quando solicitado nas atividades de cores, formar uma casa com o quadrado e o triângulo. Sempre formando deitada a casa. Na articulação das pernas na marcha compasso binário, executa corretamente. Pauta, linhas / demonstra compreensão.

El.:consegue apontar a 1ª linha quando solicitada. Na pauta (chão) não apresenta compreensão. Indiferente nas cores, formas, números e letras.

JUNHO

04/06/2008, 05/06/2008, 10/06/2008, 12/06/2008 até o dia 24/06/2008, as alunas ensaiaram com instrumentos o reforço do pulso dois e a música Samba Lelê. No dia **24/06/2008** às 19hs apresentaram no teatro da escola.

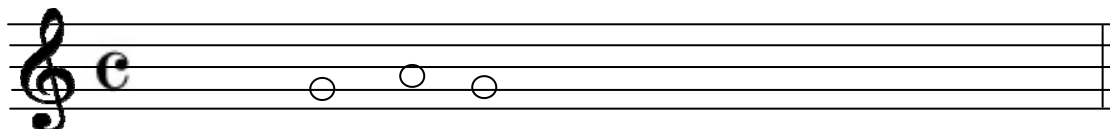
26/06/2008 – confraternização / entrega de materiais.

2º SEMESTRE DE 2008

AGOSTO

Atividade Pedagógica Musical

1. Introdução da Percepção auditiva na clave de Sol



OBS: Iniciar com a nota sol, depois com a nota lá para que possam identificar dois sons. Introduzir os outros sons gradativamente.

2. Introdução da Percepção Rítmica / Figura Musical Palavras

18/08/2008 -1ª aula

Atividades:

1. Apresentação com imitação – Eu sou (Jacaré Poiô)

Cada criança se apresentou com o seu nome e sugeriu um gesto com os membros superiores para ser repetido pelos colegas / professores / equipe de apoio.

- Profº Ja.: Distribuiu um par de clavas para cada aluno e solicitou que ao percutirem contassem 1 – 2 e depois 1-2-3-4. Após o treino, solicitou que cantassem *samba lê-lê* e percutissem simultaneamente.
- Profº Jú.: treino com argola e bolas. Arremesso individual e apreensão com mão direita / esquerda / ambas. Treino de bolas em duplas.

OBS: O professor sugeriu que na próxima aula todos compareçam com roupas apropriadas para executarem movimentos corporais mais livres.

- Música:
- Artes – Ed. Pintura livre. Deram títulos aos trabalhos.
- Profª Ed.: Canção com os nomes de todos os presentes, à medida que a professora mostrava cartões com seus nomes impressos.
Canção do alfabeto; distribuição dos cartões para cada aluno e letras que formem seus nomes, repetição de alguns sons: a – d; texto: O SAPO NÃO LAVA O PÉ – leitura/canto passando o dedo seguindo as frases; distribuição de livros diferentes para olharem à vontade (Ed. leu uma). (Uma rãzinha sonhadora).
- Je. : novata. Entrosamento excelente. A aluna, D.A. com auxílio da interprete, participou de todas as atividades propostas.
- Hu.: Conseguiu montar o seu nome e o da Ari.
- Mar.: Aluna novata. Entrosou e trabalhou todas as atividades.
- El.: Sorriu ao reconhecer o nome no cartão. Durante a leitura do texto, começou a amassar a folha. Ed. Guardou. Mais tarde, solicitou em voz alta: “minha folha”.

- Ari .: na alfabetização conseguiu fazer a escrita dos nomes: dela e de seus colegas: Ari. Roc. e Hu.
- Ari. Roc.: durante a proposta de impulsionar as bolas para cima e segurar novamente, iniciou com dificuldade e depois já demonstrou uma visível melhora. Na alfabetização conseguiu montar o seu nome e o do Hu.
- Lo. : em relação às bolas, idem a Ari. Roc.

Profissionais durante toda a manhã: Gi. (estagiária), Fran., Ed., Arl., Va.

OBS: todos os alunos se sentiram felizes.

21/08/2008. 2ª aula – 5ª feira

1. Momento: Oficina

- 1ª etapa: apresentação do professor Di.. Explicou aos alunos que confeccionarão peças. Trouxe o kit cortado. Demonstrou como será preparado.

1ª peça: em Duratex, para ser lixada nos lados

2ª peça: madeira para ser toda lixada

Por ultimo, cola-se as peças com cola “cascorez”. Formou uma caixa. Sugeri que por fora: pode-se colorir os lados com uma cor e as emendas de madeira com outra cor.

- 2ª etapa: todos os alunos e pais participantes receberam o kit e passaram a confeccioná-lo
- 3ª etapa: os alunos ao colarem suas peças, levaram para casa; fizeram uma atividade livre com madeiras sugerindo variações na montagem.

2. Momento: Lanche

3. Momento: Música e Teatro

- 1ª etapa: Música de abertura
- 2ª etapa: revisão notas na linha e no espaço; prática de colocação na pauta ou pentagrama.
- 3ª etapa: desenho livre ao som de músicas ao piano; ao sinal “troquem”, os alunos trocaram as canetinhas com o colega do lado; ao 3º sinal de “troquem”, os alunos trocaram as folhas de desenho; mais um “troquem” para canetinha e um para a folha voltar ao dono inicial.

4. Momento: Movimento com os braços – “pisar” com os dedos – movimento ombros, expressão alegre – expressão triste (preparatórias para teatro).

5. Momento: música de despedida

Presentes: Hu., Lin., Lo. El., Mar., Ari.;Ari. Roc., Ez. (aluno esc. Padre Zezinho)

25/08/2008. 3ª aula – 2ª feira

1. Momento: Percussão

- 1ª etapa: fixação nomes por meio de palmas marcando o pulso.
- 2ª etapa: palmas (1º, 2º, 3º tempo) pé esq. (4º tempo); após este treino rítmico: revisão da música “*Samba Le-lê*”; “*O meu chapéu*” (após treino com palmas) com clavas; distribuição de outros instrumentos de percussão.

- zabumba (Hu., e Ez.) - Ari.; pandeiro (marcar o 1º tempo)

Profª Arl. ao piano

2. Momento: Tchou, tchau, tchau, a aula de percussão já terminou.
Profº Jú.: rolamentos corporais em colchonetes; cambalhotas.
3. Momento: Lanche
4. Momento: Música
5. Momento: Profº Març.
1ª etapa: passeio no pátio para observação “*in loco*” de diversos tipos de árvores.
2ª etapa: papel cartaz – tinta – pincel. Passar a tinta numa das faces da folha – imprimir no papel cartaz – troca de tintas de cores diferentes com os colegas – interferência com caneta hidrocor.
6. Momento: Profª Ed.
1ª etapa: treino com o alfabeto; escrita do nome; escrita do nome dos colegas.
2ª etapa: texto aula passada: revisão; escrita; sapo; localizar palavras. Ex. pé qtas tem? Mostra na sequência. *

Alunos presentes: Hu.: El.: Ari.; Je. : Lo. : Mar.: Bru.: (menos durante o reforço)

Professores de apoio: Fran.: Ed.: Arl. Va.: Gi.

3ª etapa: contar tampinhas; retirar tampinhas e calcular qtas ficam; acrescentar uma ou mais e calcular qtas ficam.

28/08/2008. 4ª aula – 5ª feira

1. Momento: Bom dia (piano/voz/palmas)
2. Artistas ao piano: cada um foi entrevistado com microfone imaginário e tocou ao piano, sendo ouvido e aplaudido pelos colegas.
3. *O meu chapéu* – treino, fixação, gesto e canto. Percussão para os alunos. Todos cantaram e percutiram acompanhados pela professora Fran.: ao piano.
4. Música com os nomes pela profª Va.: ao violão e “clavas” com os alunos.
5. Relaxamento e encenação teatral: O coelho triste e seu aniversário.
6. Encerramento: a aula de música, já se acabou.

Alunos presentes: Bru.: (2º momento), Hu.: El.: Ta. (2º momento), Ari. Roc.: Lo. : Mar

Professores: Fran.: Va.: Gi. (21 momento)

SETEMBRO

01/09/2008. 1ª aula – 2ª feira

1. Momento: Profº Ja.
Treino de fixação dos ritmos contidos em “*Samba Le-lê*” e em “*Meu chapéu*” (Carnaval em Veneza).
2. Momento: treino com argolas, acrescido de jogar para o alto e aparar com a cabeça. Treino com bolas acrescido de exercícios cantando “*Escravo de Jô*”, todos sentados: bolas passando de um colega para o outro.
O Profº Jú.: foi substituído por colega
3. Momento: Lanche

4. Momento:

1ª etapa: números fixados no quadro, mas com as 5 linhas

2ª etapa: clave de sol – notas fixadas de DÓ a SOL (com grafia do nome).

Leitura e canto

3ª etapa: nova leitura sem grafia e canto

4ª etapa: utilização de carteiras; cartões para treino das linhas.

Alunos presentes: Ez. : Lau., Mar, Hu., El., Bru.: (perdeu a 1ª aula), Lo. e Je. :

04/09/2008. 2ª aula – 5ª feira

1. Momento: Profº Ja.

08/09/2008. 3ª aula – 2ª feira

11. Momento: Profº Ja.

1ª etapa: (Piano: Fran.) – Bom dia

2ª etapa: 3 tempos – pé, mão, mão; 1,2,3; em círculo.

3ª etapa: discriminação auditiva com instrumentos de percussão (sons graves e agudos).

4ª etapa: "*O meu chapéu*": com instrumentos; com gestos; com voz e gestos.

12. Momento: Profº Jú.:

1ª etapa: brincadeira: o rato (argola) e o gato: bola (alunos em círculo, ambos os objetos são passados de mão em mão). O gato (bola) e o rato (argola) não podem se encontrar.

2ª etapa: adição de mais argolas e bolas para a mesma atividade; passou com os braços para cima, com as mãos para trás, virando de lado.

3ª etapa: girar argola no dedo indicador, nos braços; troca a mão; troca o braço.

4ª etapa: argola no braço. Forma-se duplas: dá-se as mãos com o para cumprimentar e roda-se as argolas.

13. Momento: Lanche

14. Momento: Música: Notas musicas (Arl. ao piano)

15. Momento: Carimbo de legumes (com tinta e canetinha)

16. Fixação de números

Alunos presentes: El., Ari. Roc., Mar, Lo., Hu., Bren., Ari.;

11/09/2008. 4ª aula – 5ª feira

1. Momento: Visita a sala 16 – Profº No. Demonstração do instrumento “Baixo Elétrico”.

2. Momento: término de colagem na Pauta (linhas e notas).

3. Momento: reforço com números: desenhos no quadro. Número de 1 a 5 não seguindo a ordem.

4. Momento: Profª Izil. – visita-nos. Combinamos que a partir da semana que vem os alunos irão a sua sala de dança, para receberem 30min. de Dança – Educação.

Ari. Roc.: não soube ainda reconhecer todos os números. Confundiu 2 com 7 (que nem foi apresentado); não identificou os números: 5 nem 3. Apenas o 4 (que associou a “uma cadeirinha”) e nº 1.

Lo: não identificou nenhum numero

Ta.: identificou todos os números (e os demais colegas)

El.: distraiu com o Hugo durante a aula.

Durante o 2º semestre, Ari. Roc. e Lo tiveram dificuldade em reconhecer as linhas e na colagem das mesmas.

Presentes: Ari. Roc., Lo, El., Ari.; Hu. Je. Brau. Bren. Ta.

15/09/2008. 5ª aula – 5ª feira

1. Momento: Percussão – A canoa virou
2. Momento: circo – introdução e prática de cambalhota após o aquecimento: corrida, pulos, posição de sapo.
3. Momento: Lanche
4. Momento: revisão musical; música das figuras; figuras no quadro; leitura caiu tu- tu u - tu u u e ta- ta a - ta a a; sons na flauta caiu a nota *si*.
5. Momento: sala 14 (Artes Visuais) Noções de linhas: reta – curva – quadrado e triangulo. Colagem com barbante em papelão onde foi aplicada uma camada de tinta PVA branca.
6. Momento: divisão da turma em grupos em relação ao grau de aprendizado. Turma 1: grupo adiantado em alfabetização (Atividades voltadas para o pensamento lógico): Hu.: Mar.:Ari.; Turma 2: Lo. El. Je. Grupo de Pré alfabetização.

Presentes: Hu.: Ulis. (menos alfabetizado); Ez. (menos alfabetizado); Lau. (menos alfabetizado); Brau. (menos alfabetizado); Lo. El. Je., Mar.:Ari..

18/09/2008. 6ª aula – 5ª feira

1. Momento: Após abertura: alfabetização por meio de música
 - a. Grupo 1: seguiu apostila
 - b. Grupo 2: treinar de 1 a 5
 Fechamento
2. Momento: Aula de dança – Educação com Profª Izil.
Movimentos básicos: para frente, para trás, soltura.

Alunos presentes: Hu.: Ulis., Brau. , Lo. El., Mar.:Ari.. Ari. Roc.

22/09/2008. 7ª aula – 2ª feira

Presentes: Ez. Hu.: Ulis.; Lo. El., Mar.:Ari.. Ari. Roc. Bren.

1. Momento: Percussão: A canoa virou
2. Momento: Atividade de concentração utilizando argolas e bolas
3. Momento: Flauta com as notas *si-lá-sol* sequencia de nome das figuras, duração da semibreve e da mínima
4. Momento: pintura das formas anteriores; círculos: cordão colagem e pintura; quadrado; idem
5. Momento: texto sobre a Canoa; Leitura coletiva e individual

24/09/2008. 8ª aula – 5ª feira

Presentes: El., Ta. Fr. Bren Hu. Je. Mar.:Ari. Brau

1. Momento: Flauta – *dó-sí-lá* – (treino com semínima e mínima – *tu – tu – tu u*);
cd: Discriminar sons do corpo humano, visita à sala 15 do Profº Thia. para verem demonstração de bateria (10:05) (não) amarelinha com letras de A – D e numero de 1 a 5.
2. Momento: dança – Ed. Aquecimento, soltura de quadris.

29/09/2008. 9ª aula – 2ª feira

Presentes: El., Fr. Bren Hu. Je. Mar.:Ari. Ez. Lin. Wils. (até o 5º momento), Brau. Ari. Roc.:

1. Momento: Revisão de *Samba Lelê, O meu chapéu*: trabalho rítmico
2. Momento: bolas e argolas em duplas
3. Momento: Notas musicais: escrita na pauta; escala com música
4. Momento: Lanche
5. Momento: Arte – Ed.: preenchimento das formas colando grãos.
6. Momento: Sequencia alfabética e palavras que indicam saudação e tempo: BOM DIA, HOJE, ONTEM, AMANHÃ

Observações:

El. Jogou bola com as duas mãos de uma vez; está completando as colagens nas aulas de Artes; empilhando peças com as letras (ao pegá-las vira o lado das letras).

Fr. Iniciando na leitura

Ari. Roc.: memória visual e formação das palavras – melhora significativa. Não era capaz de fazer sozinha.

OUTUBRO**02/10/2008. 1ª aula – 5ª feira**

Presentes:Lo. Mar Bren (1º momento) Brau Ta. Lin. Je. Fr. El. Ari. Ari. Roc. Hu. Vini. (da APAE. Está aqui para ver como é).

1. Momento: música de BOM DIA; amarelinha conforme aula de 24/09; CD; discriminar e desenhar sons; notas; escala – leitura e canto; escrita da clave de sol e das notas *dó-ré*; com o alfabeto: ONTEM, HOJE, AMANHA, SEGUNDA-FEIRA.
2. Momento: Dança

06/10/2008. 2ª aula – 2ª feira

Presentes: Lo. Mar Je. Fr. El. Bren Lin. Hu. Ari. Ari. Roc Brau Ez.

1. Momento: Revisão de *Samba Lelê, O meu chapéu*: trabalho – marcando no 2º e 3º tempo com instrumento de percussão e piano, marcando no 1º tempo.
OBS: alunos que utilizaram a zabumba: Hu. e Ez. Agogô: Fr.e Ari.
2. Momento: aquecimento, revisão com uma bola (todas as etapas; com duas bolas: fase de treinamento.

3. Momento: recreio – aparelho de som para dançarem ao som de CD trazido por aluno.

4. Momento:

Flauta: treino



5. Momento: construção de casinhas com palito de picolé

6. Momento: Alfabetização, leitura e escrita das palavras: BOM DIA, HOJE, AMANHA E MÚSICA.

Leitura: Método Fonético – Método Global – Método Música e Leitura:

*Samba Lelê está doente
Está com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de uma boa lambada*

09/10/2008. – 3ª aula - 5ª feira

Presentes: Fr. Ari. Ari. Roc Je. Lo Brau Ez. El. Bren Lin.

1. Momento: saudação em andamento diferentes; revisão sons corpo humano e animais.

2. Momento: colagem, recorte, colorir e audição / reconhecimento sons de meios de transporte; música de despedida.

13/10/2008. – 4ª aula -2ª feira

Feriado pelo dia do Professor

16/10/2008. – 5ª aula - 5ª feira (não houve aula)

A professora Ed. não entra na 5ª feira devido ao curso de Doutorado pelo qual é dispensada.

A professora Fran foi liberada para participar/apresentar trabalho durante o IV Simposio de Historia Cultural promovido pela UCG.

A professora Arl, que ficaria com a turma, perdeu no dia um irmão que foi acidentado. No dia 16 foi o velório.

A nossa intérprete de LIBRAS, Va., em consequência da impossibilidade dos professores, dispensou a turma.

20/10/2008. – 6ª aula - 2ª feira

Presentes: Lin. Lo Ulis. Fr. El. Je. Mar. Ari. Ez.

1. Momento: ritmo, roda e canção: Samba Lelê

2. Momento: aquecimento – revisão com argolas e bolas, novo material para equilíbrio: bastão.

El. Joga e segura a bola com a mão direita na altura de + ou – 15cm. Tentaremos na próxima aula trabalhar a esquerda posicionando o braço direito flexionado para trás.

3. Momento: Lanche
4. Momento: música: todas as notinhas eu já sei; escala ascendente/descendente; dó-ré-dó-sí; ré-mí-ré-dó; mi-fá-mí-ré; relógio musical e exercício idêntico aos anteriores; depois do dó eu tenho o ré, depois do Ré eu..., antes do dó eu tenho o sí, antes do si eu tenho o lá...
Exercício com a flauta doce: si-lá-sol.
5. Momento: casinhas: pintura e acabamento, sendo esta última etapa com a utilização de ornamentos próprios para bijouteria e retalhos para cortinas nas janelas.
6. Momento: processo de alfabetização utilizando o alfabeto móvel: escrita dos nomes e/ou tarefa no caderno.

El. continua empilhando as letras: é misturado para ela as letras do alfabeto. Ela vira nas costas da letra e empilha, mas com bastante concentração.

23/10/2008. – 7ª aula - 5ª feira

Presentes: Ta. (irmã Rosang.) El. Hu. Fr. Ari. Ari. Roc. Je. Mar. Ez.

1. Momento: música de Bom dia; revisão escala de dó (ascendente e descendente); treino na flauta: si-lá-sol; si-lá-sol-sol-lá-sí.

Amarelinha com nomes:

- O meu nome é...
- E o nome dela (dele) é...
- Com números: 1 -5
- Com letras: A – G

2. Momento: aquecimento – transferência de peso; fecha; transferência de peso para o outro lado; fecha.

Coreografia: 4 passos para frente/trás (sempre começando com a direita)

OBS: Ari. Roc: conseguiu dar pulos (saltar) nas últimas atividades da Amarelinha
Fr. Ainda com muita dificuldade aos movimentos, mas observando um certo desenvolvimento da coordenação

Je.: pronunciou os números e as letras corretamente

Mar. Muita timidez ainda para falar o que é solicitado. Estamos tentando estimular para que verbalize mais.

El. Fez todas as atividades conduzida por colegas. Sorridente durante toda a aula de dança.

27/10/2008. – 8ª aula - 2ª feira

Feriado antecipado em comemoração ao dia do Servidor Público que seria dia
28/10/2008.

30/10/2008. – 9ª aula - 5ª feira

Presentes: El. Hu. Fr. Ari. Je. Ez. Lo.

1. Momento: música de Bom/ Flauta doce: si-lá-sol (treino só a flauta e treino com o piano fazendo a melodia). Carimbo na mão esquerda: “Pirulito que bate, bate” com a mão esquerda batendo no tempo forte sobre a palma da mão direita. No

tempo fraco, a mão esquerda movimentava-se do centro do corpo para o lado esquerdo e volta para novamente bater na direita, no próximo tempo forte).

Corda: percepção para perceber altura das coisas (sobre a corda/desce a corda); revisão das músicas.

2. Momento: Dança Educação. Sem som: falta de energia. Mesmo assim a professora executou movimentos em círculo: cruza na frente – abre - cruza atrás – abre... fecha. Cantaram ao final (e fizeram os movimentos da música “Samba Le-lê”.

OBS: Lo.: executou corretamente(só um pouco fora do ritmo) o exercício do carimbo. Consideramos um avanço ter percebido/executado o exercício proposto.

NOVEMBRO

03/11/2008. 1ª aula – 2ª feira

Presentes: Brau Fr. Ari. Ari. Roc Hu Mar El Lo. Bren Lin

1. Momento: revisão e fixação – “o Meu chapéu” (piano e percussão); Nova música: “Jesus Cristo”: letra – música (canto) e palmas: 1,2,3,4.

2. Momento: Treino com bolas

3. Lanche

4. Repertório para apresentação (combinar as introduções)

- a. A canoa
- b. Meu chapéu
- c. Samba Le-lê
- d. Jesus Cristo

- Data da apresentação de Música e Inclusão: 27/11 às 19 horas.
- Túnicas para as apresentações

Brau: azul claro

Fr: prata

Ari.rosa pink

Ari. Roc verde bandeira

Hu verde claro

Mar roxo

El rosa bebê

Lo.amarelo ouro

Bren azul escuro

Lin vermelho

Je. : laranja

Ta. Lilás

OBS: o modelo da túnica será planejado pelo Profº Carl.

5. 3º Momento: movimento para Jesus Cristo: para o lado; abre – cruza atrás – abre – fecha; para o outro lado; idem

Confecção dos programas: escolher um desenho de aluno

OBS: o Profº Carl. Já iniciou o registro de imagens para confecção de painel ilustrativo.

6. 4º Momento: término das casinhas para os alunos que ainda faltaram alguns detalhes.

Frutos com molde: maçã e pêra

7. 5º Momento: explicação para as mães sobre a apresentação final e sobre o que será necessário para o evento.

O texto de alfabetização será trabalhado nas letras das músicas.

06/11/2008. 2ª aula –5ª feira

Presentes: todos presentes, menos Ari. Roc e Je.

1. Momento: revisão coreografia: outro passo: frente – fecha (junto com palmas) – atrás – fecha (junto com palmas);

2. Distribuição da letra da música: Jesus Cristo; leitura e (canto) palmas no pulso da música

3. Distribuição de cartões para as mães contendo o endereço da loja onde será comprado o tecido da veste e a cor de cada veste.

4. Serão Dão Dão: folclore goiano colhido por Regina Lacerda. Fizeram a encenação

5. 2º Momento: Coreografia: repasse com mais limpeza dos movimentos.. Balanço, cruzado, frente/atrás com palmas.

Jesus Cristo

Roberto Carlos

Composição: Roberto Carlos/Erasmus Carlos

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
 Jesus Cristo eu estou aqui
 Jesus Cristo! Jesus Cristo!
 Jesus Cristo eu estou aqui...

Olho no céu e vejo
 Uma nuvem branca
 Que vai passando
 Olho na terra e vejo
 Uma multidão
 Que vai caminhando...

Como essa nuvem branca
 Essa gente não
 Sabe aonde vai
 Quem poderá dizer
 O caminho certo
 É você meu Pai...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui...

Toda essa multidão
Tem no peito amor
E procura a paz
E apesar de tudo
A esperança não se desfaz...

Olhando a flor que nasce
No chão daquele que tem amor
Olho no céu e sinto
Crescer a fé no meu Salvador...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui...

Em cada esquina vejo
O olhar perdido de um irmão
Em busca do mesmo bem
Nessa direção caminhando vem...

É meu desejo ver
Aumentando sempre
Essa procissão
Para que todos cantem
Na mesma voz essa oração...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui...
(repete inúmeras vezes)

10/11/2008. 3ª aula

Presentes: Ari. Roc Ez. Lo. El. Brau. (atrasado) Fr. Hu. Mar. Ari.

1. Momento: música do Bom dia – Serão Dão Dão sala 16, treino das músicas para apresentação. Com bateria.
2. Momento: circo – não houve porque o professor não veio.
3. Momento: treino coreografia

13/11/2008. 4ª aula – 5ª feira

Presentes: Ez. Lo. El. Brau. Fr. Mar. Ari. Ta. Je. Lin. Bren.

1. Momento:
 - a. fizemos alongamento
 - b. cantamos uma música, trabalhando a motricidade
 - c. práticas de LIBRAS

2. Momento: nova música do The Fevers. O ensaio foi na sala 4 por motivo de falta de energia na sala de dança.

Posição inicial:

2 filas (será definido no ensaio quem fica com quem)

Balanço para um lado e para o outro (8x): começa balançando para o lado direito. Pés e pernas abertas.

Joga o peso para um pé (espera) (não fecha) Joga o peso para o outro pé (espera).

- Quando o cantor começa a cantar:
 - Passo para a frente/fecha
 - Passo para trás/fecha

- Quando a moça começa a cantar: *Mas eu sei...*
 - Para o lado: abre/fecha (2x)
 - Para o outro lado: abre/fecha (2x) } *BIS*

- O rapaz:
 - Preciso de v... pra respirar

↓
 4 passos para frente

↓
 levantando as pernas (pernas abertas)

- *Não há quem possa de querer tanto assim*”: abaixa os braços devagar / abrindo para os lados.
- *Novo desse amor*: pernas para frente e abertas; finge que cruza; bate; palma, outra perna
- *Se não, não vivo*: mão no coração

17/11/2008. 5ª aula – 2ª feira

Presentes: Ari Brau Ari. Roc. Uli. Lo. El Je. Fr. Bru.: Ez. Mar Bren. Wils.

OBS:

Ari Roc. melhorou muito quanto a percutir as clavas no tempo certo.

1. Momento: Saudação – Parabéns para Ari – Ensaio das músicas para apresentação, corrigindo as entradas e o final das músicas. Repasse de todas as letras.

20/11/2008. 6ª aula – 5ª feira

Presentes:

OBS:

1. Momento: acerto do figurino; música da entrada, ensaio.

Apresentação: dia 26, local: Auditório da escola - 19 horas. Chegar as 16 horas – trazer lanche.

Ensaio Geral – 24/11 (2ª feira) às 17 horas.

Apresentação – 26/11.

01/12/2008 – 7ª aula

Providências para o próximo ano com alunos e familiares

- Trabalho com a mãe do Brau.
- Ver possibilidade de grupos de pais, pelo menos (os pais que precisam)
- Psicologia: Ari.; Mar., Ant.
- Fonoaudiologia: Ant.
- Fisioterapia: Ant. (natação)
- Alfabetização: Ant., Ari. Roc., El., Fr., Hu., Lo., And. Sim

ALFABETIZAÇÃO:

And. Sim: Edna prometeu que o acompanha para a mãe estudar. Peguei idéias com a mãe: utiliza muito a terapia comportamental: estímulo/reforço, evitar dizer *NÃO*. É melhor ignorá-lo que ele desiste de beliscar ou fazer algo que não deveria.

Vamos até a SUEE falar com alguém do Autismo.

- Ver no SETRANSP: colocar o CEP/V. Valle
- Nome do aluno nome da mãe – Ant. CAPS Novo Mundo.
- Ver se esta instituição é cadastrada (não é)
- Pegar os formulários e tratar se encontro saída para conseguir no caso de alunos a estudar só aqui.
- Rua 4 – Pegar formulário Centro antes da Goiás incluindo nas atividades (dizer que estão incluídos).
- Aulas 2x por semana
- Matutino

- 2ª feira
 - 7:20 às 8:10 – percussão
 - 8:10 às 8:50 – dança (Profª Itan.)
 - 8:50 às 9:15 – lanche
 - 9:15 às 10:00 – circo Profº Jú.
 - 10:00 às 11:00 – artes plásticas (Profº Març..)
 - 11:00 às 11:30 – diagnóstico (professores)
- 5ª feira
 - 7:20 às 8:10 – laboratório de maquiagem (Profª Carm.)
 - 8:10 às 8:50 – dança expressiva (Profª Itan.)
 - 8:50 às 9:15 – lanche
 - 9:15 às 10:00 – artes plásticas Profª Norm.
 - 10:00 às 11:00 – música (flauta)
 - 11:00 às 11:30 – diagnóstico (professores)
- Atividade individual: Alfabetização, Psicólogo, Terapia, Pais, outros, Fonoaudiólogo.

5 ANÁLISE

As escolas têm de encontrar maneiras de educar com êxito todas as crianças, inclusive as que têm deficiências grave (Brasil, 1994, p. 17-18).

A análise a ser feita neste capítulo, leva em conta os dados do Protocolo, apresentado anteriormente e é interpretativa (processo de flexibilidade), num processo em que o pesquisador tenta descobrir sentido nos dados qualitativos. Foram procurados indícios, segundo fundamentações teóricas, para os diversos elementos constitutivos da inclusão, através da música, respeitada a literatura da área.

Construiu-se, a partir dos dados mostrados no Protocolo, que trata da cotidianidade dos sujeitos nas aulas de arte e música, um “corpus” para possibilitar a análise qualitativa. A construção deste “corpus” embasa-se em Bauer e Gaskell (2000) em que explicou que um “corpus” é o princípio que permite uma coleta sistemática de dados, sem seguir a lógica da amostragem estatística (BAUER e GASKELL, p.16).

Este “corpus”, na presente pesquisa consiste de uma coleção finita de materiais (fatos, ações, procedimentos), determinados pela seleção, nos arquivos da escola/centro de pesquisa, de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade e com a qual decidiu-se trabalhar.

Chegou-se ao que se discute a seguir:

5.1 OBSERVAÇÕES DO CONTEÚDO RESULTANTE DOS DADOS

5.1.1 Há um planejamento de conteúdo musical e outras disciplinas (*vide a 7ª aula, 22/09/2008*) (*vide figura 1*).



Figura 1 – Aula de Música com o uso de instrumentos de percussão

5.1.2 Há regularidade nas aulas; são semanais, 02 encontros com duração de 04 horas.

5.1.3 Há uma seqüência lógica de conteúdo (*vide* a 4ª aula, 28/08/2008).

5.1.4 Existe o cuidado de acompanhar e observar cada sujeito, além de anotarem cada participação que teve de cada sujeito (*vide* a 1ª aula, 18/08/2008). É importante que o professor tenha um diagnóstico de cada sujeito, pois segundo Louro *et al.* (2006, p.28), cada pessoa é única, singulares, com suas diferenças e limitações que devem ser respeitadas.

5.1.5 Há uma sistematização do formato das aulas, que atende às necessidades do grupo, primeiramente subdividido em tópicos (de até 09); e depois, em momentos.

Os tópicos, a exemplo da 10ª aula de 25/03, previam 05 partes:

- 1- Saudação
- 2- Afeto
- 3- Contração e relaxamento
- 4- Atenção
- 5- Flauta

Os momentos, a exemplo da 2ª aula de outubro (06/10), previam 06 partes:

- 1- Momento: revisão de música
- 2- Momento: aquecimento
- 3- Momento: recreio

- 4- Momento: flauta
- 5- Momento: artes
- 6- Momento: alfabetização

Isto demonstra que aulas para sujeitos com necessidades especiais precisam de um sistema flexível para possibilitar a participação de todos no processo de aquisição de conhecimento. Este sistema flexível deve se adaptar às necessidades dos sujeitos nos momentos em que surja a necessidade de atendimento individual. Para Birkenshaw – Fleming (1993) a capacidade do professor, aliada à flexibilidade dos procedimentos, são fatores fundamentais que permitem chegar a bons resultados, no uso da música em situações inclusivas.

5.1.6 Há o cuidado da equipe em atender individualmente os sujeitos, dando sempre atenção a cada um nos momentos que eles necessitem (*vide* a 1ª aula, 18/08/2008) (*vide* figura 2).



Figura 2 – Momento da atenção da professora à aluna

A equipe é formada por professores atentos e capacitados, de no mínimo 03 e no máximo 07, quando atendendo e/ou em classe/sessões. Nota-se a prática da tolerância do corpo docente no trato com os sujeitos. Esta situação observada está de acordo com Arten (2007, p.51), que pensa que é importante o vínculo professor-aluno,

pois as atividades pedagógicas estão ligadas a fatores, sendo este aspecto um dos que determinam a eficácia de um bom trabalho, além do vínculo ao conteúdo e como ele é abordado, a postura da família e do professor.

5.1.7 Observou-se a participação dos pais e/ou cuidadores, de alunos de música de outras turmas que não têm deficiência, dos funcionários da escola, todos de maneira voluntária (*vide* figura 3).



Figura3 – Participação dos pais ao Projeto Arte Inclusão

Os professores da turma em questão se sentem à vontade em convocar os pais, quando necessário, para participar das atividades em sala (*vide* a 9ª aula, 18/03/ e 20/03/2008). Esta evidência é prevista por Negrine e Machado (1999), que salientam que os sujeitos ditos “normais”, na interação com as pessoas com necessidades especiais, ganham muito, pois desenvolvem níveis de compreensão da dificuldade do outro, ajudando-os no desenvolvimento das atividades. Portanto é possível que esta interação gere níveis de humanização importantes no processo de desenvolvimento humano.

5.1.8 Nota-se que é extremamente importante a dinâmica dos professores quanto às decisões sobre o planejamento. O que na realidade o que eles estão realizando

é uma dinâmica de PESQUISA-AÇÃO (BARBIER, 1997, p.58) que se trata de trabalhar em grupo, a partir de um planejamento previsto, numa dinâmica de sucessivas avaliações dos resultados, sendo o grupo predisposto a mudar os rumos do projeto a partir das necessidades diagnosticadas. Há sempre uma re-criação da realidade. Essa metodologia utilizada permite que haja uma ação participativa e efetiva dos interessados - pesquisador e sujeito - que possibilita acompanhar colaborativamente e compreender da melhor forma possível o processo de desenvolvimento dos sujeitos com necessidades especiais. Segundo Grande (2006), é muito importante que o professor explore seus conhecimentos, valores e crenças sobre a diversidade, buscando sempre que necessárias novas metodologias de ensino e novos conhecimentos para embasar e apoiar sua prática pedagógica. A pesquisa-ação, em sua acepção “clássica”, organiza-se em um “ciclo contínuo de três processos: planejamento, ação e coleta de dados” (MORIN, 2004, P.56). Por se tratar de uma ação conjunta entre pesquisador e pesquisados, Franco (2005) afirma que no âmbito da educação, o caráter pedagógico é reforçado:

[...] a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro do exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática (FRANCO, 2005, p.489)

5.1.9 Como era de se esperar, constatou-se sujeitos que começam a participar das aulas e abandonam o projeto; outros faltam aulas por necessidades pessoais, o que compromete a aprendizagem musical. Durante o programa nota-se a possibilidade de entrada de sujeitos a qualquer momento. Essa flexibilização favorece e justifica a necessidade de programas de inclusão como este, em que sujeitos com necessidades especiais podem estar sempre tendo oportunidades de melhoria na qualidade de vida. Grande (2006), afirma que o professor deverá ser mais flexível, ou seja, ir além, mudando sempre que necessário, atuando através das disciplinas de maneira diagnóstica para resolver problemas de aprendizagem dos alunos e respeitando o limite de cada sujeito. Como afirma Aragão (2002), os limites desaparecem e as diferenças se transformam em uma soma de particularidades.

5.1.10 Quanto à participação na aula, é dada a liberdade ao sujeito e à família adentrarem as salas de aula mesmo que cheguem após o início da aula. Também é facultado aos pais tirarem os sujeitos quando quiserem.

5.1.11 A equipe tem a postura de aceitar qualquer contribuição ou qualidade da participação do sujeito. Isso fica claro quando os sujeitos apresentam dificuldade na execução de uma tarefa, mas continua tentando por saber que é aceita.

5.1.12 Nas aulas de flauta doce, há a importância da ludicidade e do envolvimento pessoal do sujeito para o processo de aprendizagem, como afirma Bruner (1976): " ...acredito que a brincadeira seja essencial para a evolução do uso de instrumentos (BRUNER, 1976) (vide figura 4).



Figura 4 – Aula de Flauta Doce

Para Birkenshaw – Fleming (1993) é perfeitamente possível usar a Música como mediadora no trabalho inclusivo, principalmente se o professor considerar as reais possibilidades de seus alunos e planejar atividades adequadas aos limites, interesses e motivações.

5.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E ESTRUTURAS RESULTANTES DAS PROPOSTAS

Cada professor anotava no Protocolo seus comentários sobre as sessões, o que ocorria durante as sessões. O professor do dia faz a anotação, ora em forma de observação sobre alunos distintos, ora sobre como foram se desenvolvendo as atividades de conteúdo musical, tais como: tipo de participação, envolvimento do sujeito com a atividade, abandono ou desistência de participar, desinteresse pelas propostas (*vide* figura 5), motivação pelas propostas (*vide* figura 6).



Figura 5 – Desinteresse pelas propostas.



Figura 6 – Motivação pelas propostas.

Cada professor quando comentando as questões no desenrolar da aula, quase sempre comenta sobre o aprendizado e o desenvolvimento do sujeito. Segundo Arten

(2007, p. 67), é de suma importância o professor deixar registrado tudo o que faz em cada aula.

Quanto ao aprendizado, o professor observa se o sujeito consegue atender os objetivos propostos para aquela aula, se participa das atividades ou não, e as dificuldades e potencialidades; o que servirá de base para os planejamentos das outras etapas partindo do que foi alcançado ou não. Portanto, é necessário que o professor elabore uma maneira de “medir” o progresso do aluno, sendo interessante o professor conhecer o seu grupo, como afirma Arten (2007, p. 64).

5.3 COMENTÁRIOS DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

As discussões dos conteúdos programáticos envolvem falas sobre o Método Global de Alfabetização, as atividades de expressão corporal/motricidade, o cuidado psicológico de conversar com os sujeitos, os trabalhos rítmicos com os brinquedos, as brincadeiras com a flauta doce e os exercícios de memória.

5.3.1 Nota-se que na alfabetização com o uso do Método Global (*vide* aula 06/10), o sujeito teve oportunidade de vivenciar duas atividades cognitivas simultaneamente. Isso acontecia com a prática de cantar as palavras que eram objetos de aprendizagem da leitura. Na verdade, vários conteúdos eram vivenciados em diferentes modalidades artísticas, com exemplo a 1ª aula de 18/08/2008; o que está de acordo com Beyer (1988) e Ilari (2003), para quem a música proporciona vários benefícios por causa de suas características intrínsecas (intensidade, andamento...), colaborando para uma melhor formação de estruturas cognitivas, resultando numa melhora na aquisição das habilidades.

5.3.2 Observou-se que nas atividades de expressão corporal e motricidade os sujeitos tiveram a oportunidade de tentar, experimentar e se familiarizarem com as atividades antes impossíveis de serem realizadas. Nelas puderam desenvolver a imaginação e as relações interpessoais, pela vivência em grupo, seguindo direções de outrem; o que está de acordo com o Referencial Nacional para a Educação Infantil (MEC), em que entendem que o fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação.

5.3.3 Psicologia – Conversar/dialogar com os sujeitos quando esses não conseguiam participar das atividades, levavam à participar dos mesmos pelo meio ambiente favorável que a atividade musical proporcionava. Neste contexto vale lembrar a afirmação de Rosa (1990), de que a importância de trabalhar com a linguagem musical não consiste apenas em atingir a perfeição nas realizações musicais das crianças, mas na alegria que ela pode oferecer e nas possibilidades de comunicação que o trabalho proporciona. A música é uma linguagem expressiva e, por meio dela, as crianças podem exteriorizar suas emoções e seus sentimentos. Esta disciplina e seus conteúdos afetam, atingem, contagiam as crianças, despertando a imaginação e a criatividade.

5.3.4 Trabalhos rítmicos com brinquedos - Os trabalhos rítmicos com os brinquedos ajudaram no manuseio, controle e manipulação dos objetos; e dentro de um processo ativo e lúdico, o sujeito pode construir seu conhecimento musical, quando interagindo com os objetos sonoros existentes na sala de aula e depois aplicável em seu contexto social

5.3.5 Flauta doce: brincadeiras com instrumento, domínio de 3 notas (sol, lá e si) - O trabalho com a flauta doce proporcionou a participação na atividade musical. A flauta percebida como um brinquedo sonoro levava os sujeitos à atividades de tentativa e erro, possibilitando a descontração.

5.3.6 Memória - A memória foi exercitada nas seguintes atividades:

- revisão de coreografia;
- aprendizagem letras de músicas;
- nas atividades rítmicas – corpo e movimento;
- na seqüência dos jogos, escalas;
- no início/meio/fim de projetos de artesanato: que levam a persistência.
- na aprendizagem de seqüências do nome das notas com movimento do corpo.

Vê-se aqui sucesso nas participações que envolvem memória porque a criança é um ser "brincante" e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia.

5.4 MUDANÇAS PSICOLÓGICAS PROVIDENCIADAS PELA PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS NA PROPOSTA

5.4.1 Aceitação do outro: atividades de saudação (*vide* a 3ª aula, 26/02/2008); presença de estímulos afetivos, aspecto decisivo para a formação da personalidade e do aprendizado dos sujeitos com necessidades especiais.

5.4.2 Aceitação do corpo: brincadeiras com palmas, mãos, pernas, toque, saltos. Brincadeiras de lateralidade; exploração dos instrumentos de percussão. Melhoria das dificuldades viso-motoras através do apoio do estímulo sonoro ajudou o convívio de grupo. Aqui se deve anotar que em sintonia com o observado, como forma de enfatizar a importância do brincar coletivamente, Vygotski (2003) afirma que o jogo ocupa um lugar importante na história do desenvolvimento infantil, na qual está relacionado com a forma de se desenvolverem as brincadeiras com outros sujeitos, na medida das regras, dos objetivos e, principalmente, na atividade coletiva. Também que o Brincar, segundo Valmaseda (1995) e Marchesi (1995) é importante elemento que propicia oportunidade para o uso da comunicação na escola inclusiva, ocorrendo assim, a motivação para o aprendizado na linguagem musical.

5.4.3 Aceitação de comando do líder: aceitar limites; seguir regras;

5.4.4 Temperamento: atividades de acalmar; para promover a imitação.

5.4.5 Controle do corpo: atividades para a melhora da dicção; atividades de respiração através do cantar das melodias e trabalho rítmico; ajuda à articulação dos dedos no manuseio da flauta doce e controle do dedilhado, o que leva à melhoria da coordenação motora; ajuda à coordenação marcha (pernas e pés) com os braços, na atividade com uso do bambolê, bola, argola e corda (atividade de Dalcroze).

5.4.6 Melhoria do equilíbrio emocional: atendimento da psicóloga nos momentos de desequilíbrio ou necessidade individual (*vide* a 10ª aula, 23/03/2008).

5.4.7 Envolvimento por motivação interna: a partir das propostas das atividades musicais combinadas com as outras atividades, nota-se que os sujeitos se

envolvem pelo puro prazer de vivenciar a música. Também que a vivência musical cria o ambiente favorável e à expressão de cada um (*vide* 1ª aula 18/08/2008). Faz-se oportuno citar Valente (1991):

"As crianças com deficiência (física, auditiva, visual ou mental) têm dificuldades que limitam sua capacidade de interagir com o mundo. Estas dificuldades podem impedir que estas crianças desenvolvam habilidades que formam a base do seu processo de aprendizagem." (VALENTE, 1991).

5.5 ESTUDOS DE CASOS

Quanto aos Estudos de Caso, foram observados os seguintes passos nas atividades propostas:

- a. motricidade (marcha, pulso, saltitos);
- b. motivação para a expressão da afetividade;
- c. prática de vivência musical (leitura e escrita);
- d. ensino de instrumento (flauta doce) e prática do canto individual e grupal, entre outros; e
- e. utilização e controle do brinquedo (bola, bambolê, argola, corda).

Nota-se que quanto aos alunos And., Antô., Brául., Ulis., Wils., seus nomes apareceram nos diagnósticos, mas não foi relatado nada a respeito deles. Passa-se à descrição de anotações sobre outros sujeitos:

5.5.1 Ale

ATIVIDADE MUSICAL: nada consta

O sujeito apresentou hiperatividade, sem limites, segundo o diagnóstico dos professores. Fez as atividades pedidas, se engajando com o grupo. Observações de melhorias ao longo das sessões.

Participou apenas de 03 encontros, comportando de forma, desviadora da proposta das atividades (*vide* diagnóstica da aula, 19/02/2008).

5.5.2 **Ana**

ATIVIDADE MUSICAL: compreendeu corretamente a atividade proposta de pulso (*vide* 10ª aula, 25/03/2008).

O sujeito apresenta deficiência auditiva.

Participou apenas de 02 encontros (*vide* aulas 11/03 e 25/03/2008)

5.5.3. **Ari. Roc.**

O sujeito iniciou ao Projeto dia 18/08/2008, ou seja, no 2º semestre.

ATIVIDADE MUSICAL: ao iniciar o curso, teve certa dificuldade em pulso, ocorrendo uma melhora significativa ao percutir as clavas (*vide* 5ª aula, 17/11/2008).

Com relação à utilização e controle da bola em algumas atividades, foi possível observar que o sujeito apresentou dificuldade ao manuseá-la e depois houve uma melhora (*vide* aula 18/08/2008). Na alfabetização, escreveu seu nome e o de um colega. Começa a identificar números. Demonstra memória visual e melhora com a formação de palavras, fazendo a atividade sozinha. Consegue pular e saltar amarelinha. Em 17/11/2008 melhora muito a percussão de clavas e bate o tempo na marcação certa.

5.5.4. **Ari.**

ATIVIDADE MUSICAL: nada consta

Participa das aulas de alfabetização. Consegue escrever seu nome e de mais 3 colegas.

5.5.5. **El.**

Iniciou no Projeto dia 18/03/2008.

ATIVIDADE MUSICAL: nas atividades relacionadas à motricidade, o sujeito conseguiu dobrar os joelhos (*vide* 4ª aula, 17/04/2008), mas com relação ao pulso e saltos não foi possível serem realizadas. No ensino de instrumentos como a flauta doce, o sujeito não soube manusear (*vide* aula 18/03/2008), mas quanto ao instrumento de percussão, como as clavas, o resultado foi melhor, uma vez que o sujeito conseguiu tocar (*vide* Figura 7).

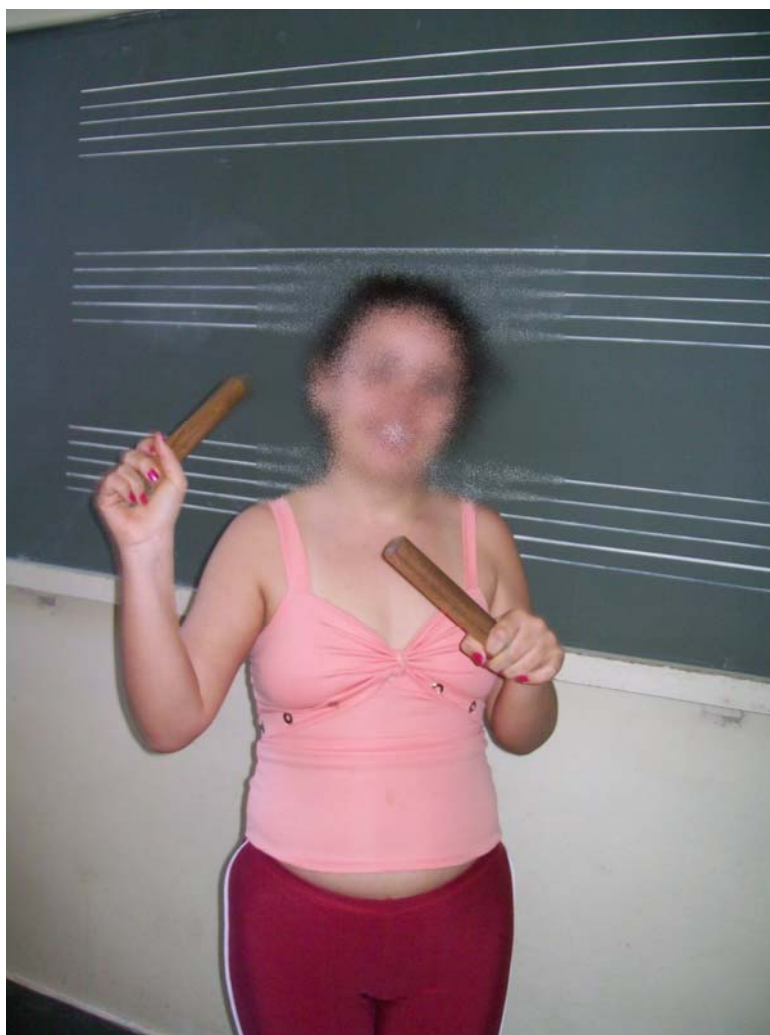


Figura 7 – Sujeito El.

No uso da bola, o sujeito apresentou uma excelente melhora jogando as bolas com as duas mãos de uma vez (*vide* aula 29/09/2008) e fazendo movimentos rotatórios (*vide* aula 15/05/2008). Já com relação ao uso da corda, o sujeito ficou com os pés arrastando ao chão (*vide* aula 15/05/2008).

Segundo o diagnóstico, o sujeito caminhava muito pela sala de aula (*vide* 10ª aula, sem perceber as atividades em curso; demonstrou felicidade e sorriu na música Repi-piu-piu, em 25/03/2008), e pronunciava várias vezes a mesma palavra, como exemplo, “oi mãe” (*vide* aula 18/03/2008). Em 27/03/2008 conseguiu falar a primeira sílaba do nome da professora. Foi considerado grande progresso. Neste dia também começou a dar “tchau”. Em 22/04/2008 enxergou a pauta musical no chão (!). Em 18/08/2008 reconhece seu nome no cartão de leitura. E, 20/10/2008 empilha letras com concentração.

5.5.6. Ez.

ATIVIDADE MUSICAL: O sujeito tocou flauta corretamente (*vide* aula 15/04/2008).

Tem diagnóstico somente até o dia 15/04/2008, mas o sujeito participou das aulas até o dia 06/10/2008. Destaca-se pelo comportamento excelente.

Quanto a motricidade, o sujeito conseguiu atingir os objetivos propostos das atividades ao realizar saltos, marcha, e seguir o pulso das canções. Na prática de vivência musical, foi possível detectar que o sujeito conseguiu obter conhecimentos quanto a leitura e escrita de notas na pauta musical. Com relação ao ensino de instrumentos musicais, o sujeito produziu muito bem na flauta doce e conseguiu uma vaga para aulas de violão. Na utilização e controle de objetos como bola, argola, bambolê e corda, o sujeito apresentou facilidade no manuseio dos mesmos.

Acredita-se que esse sujeito não apresenta NEE.

5.5.7. Fr.

ATIVIDADE MUSICAL: Apresentou certa dificuldade nos movimentos, mas há desenvolvimento de coordenação motora.

Iniciou no Projeto dia 29/09/2008. Iniciou-se na leitura nesta data.

5.5.8. Hu.

Iniciou no Projeto dia 18/08/2008.

ATIVIDADE MUSICAL: nada consta

Monta palavras e já está lendo. Entrosou-se com os colegas montando palavras para eles.

5.5.9. Je.

ATIVIDADE MUSICAL: não consta

Iniciou no Projeto no 2º semestre (18/08/2008).

O sujeito possui deficiência auditiva. Tem facilidade de entrosamento. Trabalha com auxílio de intérprete de libras.

Pronunciou números e letras corretamente.

5.5.10. Jo.

ATIVIDADE MUSICAL: quanto a leitura musical, o sujeito não soube dizer os nomes das notas (*vide* aula 11/03/2008), mas atenta-se às suas formas geométricas.

Segundo o diagnóstico dos professores, o sujeito apresentou pouca assimilação sem conexão com o concreto (final do período pré-operatório)

O sujeito na 8ª aula (13/03/2008) foi excluído do Projeto (segundo consta no diagnóstico dos professores) pela idade e comportamento.

5.5.11. Lo.

ATIVIDADE MUSICAL: o sujeito apresentou, no início do Projeto, dificuldade para movimentos corporais, sem direcionamento, sem lateralidade, problemas de dicção e exercícios de imitação (*vide* 1ª aula 19/02/2008 e 4ª aula, 28/02/2008). Já na 2ª aula (21/02/2008), o sujeito já apresentou melhora em movimentos ao realizar uma atividade de motricidade (marcha) e ao pronunciar algumas palavras (*vide* 6ª aula 06/03/2008). O sujeito conseguiu o movimento de marcha corretamente nas aulas dos dias 20/05/2008, 27/05/2008 e 29/05/2008. Fez gestos independentemente do professor (*vide* Figura 8).



Figura 8 – Sujeito Lo. ao centro da foto

A cada aula, o sujeito apresentou melhoras, pois apresentou dificuldade nas atividades de pulso, mas mostrou compreensão da ordem das cores (*vide* 10ª aula 25/03/2008); e nas de ‘saltitos’, consegue realizá-los com ajuda dos professores (*vide* aula 15/05/2008).

Na prática de vivência musical, foi possível observar que a leitura musical ocorreu corretamente quando houve seqüência das notas na pauta (*vide* aula 08/05/2008). Compreendeu a seqüência de colcheias.

No estudo da flauta doce, o sujeito houve progressos quanto a articulação (*vide* 9ª aula 18/03/2008 e 20/03/2008). Demonstra se afeiçoar a uma professora e não à outras. Observa muito os outros em detrimento das atividades.

Ao utilizar a bola na atividade proposta pelos professores, o sujeito apresentou dificuldade no início e depois houve melhora (*vide* aula 18/08/2008). Em 30/10 percebeu e executou exercícios proposto de ritmo com o carimbo.

5.5.12. **Lú.**

ATIVIDADE MUSICAL: quanto a leitura e escrita musical, o sujeito realizou a atividade corretamente (*vide* 5ª aula 04/03/2008). Gostava de conduzir EL. pela sala.

O sujeito na 8ª aula (13/03/2008) foi excluído do Projeto (segundo consta no diagnóstico dos professores), pela idade e comportamento.

5.5.13. **Mar.**

ATIVIDADE MUSICAL: nada consta
Entrosamento fácil e participação de todas as atividades. Verbaliza cada vez mais.

5.5.14. **Thay.**

ATIVIDADE MUSICAL: nada consta

A aluna possui deficiência auditiva.

Participou apenas de 01 aula (*vide* 11/03/2008).

O nome do sujeito apareceu nos diagnósticos, mas não foi relatado nada a seu respeito.

5.5.15. Viní.

ATIVIDADE MUSICAL: o sujeito apresentou facilidade na aprendizagem da flauta doce (*vide* 9ª aula 18/03 e 20/03/2008) e na aprendizagem das notas. Observa e segue os colegas, imitando-os. Observações de melhoria ao longo das sessões. Perturba-se com a influência de outros colegas.

Na 10ª aula, 25/03/2008, o sujeito foi convidado a frequentar outra turma, pois assustou com o comportamento de outra aluna. Expressou medo de El. (que andava muito pela sala).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa indica que a proposta de inclusão social do CEPABF pode servir de referência para a prática da música no país. As condições de atendimento diferenciado a grupos ou sujeitos com dificuldades específicas, combinando áreas como artes, teatro e música, garantem a participação motivada de sujeitos e criam condições concretas para o exercício da cidadania para os sujeitos. Este projeto consiste de uma honrosa exceção que valoriza o papel do educador musical como promotor da inclusão social.

No início deste estudo escreveu-se a frase: “Porque a *História* é feita de *histórias* que a estruturam e a consolidam”. Esta frase referenda a valorização desta história em particular: - a do atendimento artístico-musical do CEPABF. Junto às outras histórias, de vivência musical, proporcionada a sujeitos com necessidades especiais, compõem um conjunto de iniciativas em andamento no país, que escrevem mais um capítulo da inclusão social pela música.

Pode-se considerar esta experiência analisada neste estudo como uma experiência não-escolar, que oferece oportunidades de crescimento pessoal e social aos sujeitos envolvidos (GUARÁ, 2009, p.78). Neste sentido, pode-se afirmar que o programa do CEPABF dá oportunidade aos participantes de terem acesso ao atendimento de qualidade; e como diz Guará: ...“A população mais vulnerável precisa ter acesso às políticas públicas de qualidade e às pontes que aceleram sua inclusão no mundo da cidadania” (ibid., 2009, p.78).

Funcionando como “contra-turno escolar”⁷, esta escola fornece um leque de oportunidades de aprendizagem de que o grupo infanto-juvenil precisa e pelo qual tem interesse (ibid., 2009, p.77).

Para a condução destas conclusões finais, passa-se agora à descrição da evidência de surpresa pessoal, àquela que se chega ao final da análise de resultados de pesquisa, atendendo aos 6 critérios de Bauer (2003), quando da proposta de análise feita à página 09 deste estudo, que somado à validação comunicativa dos resultados da

⁷ Contra-turno, segundo Guará (ibid., 2009), este turno está fora do turno da escola formal.

análise dos dados, concluem e remetem este estudo ao seu final, após a consolidação de todos os passos propostos na sua inicial:

Observou-se que o atendimento aos sujeitos resulta de uma sistematização, de um planejamento de conteúdo musical, da regularidade nas aulas, sempre priorizadas as seqüências lógicas dos conteúdos.

O formato das aulas é sistematizado, e tem em torno de 5 momentos. Esta sistematização, como um todo, leva os professores ao cuidado e ao acompanhamento de cada sujeito de forma individualizada, nas suas necessidades especiais e interesses circunstanciais. Trata-se na verdade, de um sistema organizado, que se torna flexível quanto ao atendimento individual quando este é necessário.

Vale ressaltar que tal sistematização se torna possível pela seriedade com que os professores se envolvem, através de suas dinâmicas, no planejamento. Avaliam os resultados e decidem por novos rumos, ou mudanças de estratégias à medida que se tornam necessárias novas ações. Estes mecanismos de trabalho em equipe, possibilitam também a participação/colaboração dos pais e/ou cuidadores.

Outro aspecto observado que leva ao atendimento individualizado é a tolerância com a freqüência dos sujeitos ao processo, a tolerância ao abandono e/ou evasão e a entrada de novos participantes a qualquer tempo. Há que se observar também o fato de que o sujeito e os membros de sua família podem participar em diferentes momentos da aula/sessão de atendimento. Nota-se, a partir daí, que a tolerância é o aspecto marcante na postura do professor, que conduz o contato com o sujeito sempre de maneira lúdica, o que motiva cada um e prepara um meio-ambiente favorável à participação, tentativa e erro e auto-expressão.

As atitudes dos sujeitos levadas em conta, anotadas em protocolo em forma de comentários dos professores que atendiam num dia determinado, possibilitavam a flexibilidade nas tomadas de decisões sobre o que estava dando certo e o que deveria ser mudado quando erros eram detectados. A participação do sujeito e as possíveis aprendizagens ocorrendo eram observados para a tomada de decisão do professor; e as dificuldades e potencialidades de cada sujeito eram levadas em conta no planejamento diário. Com isso, a equipe media os progressos e os insucessos dos sujeitos participantes, para melhorarem as intervenções e ações junto ao grupo. O resultado dos comentários de cada sessão, anotados no Protocolo, tornou possível construir Estudos de Casos, que podem ilustrar como os sujeitos participaram das sessões que objetivaram promover a inclusão social. Através da constatação de que os sujeitos se sentiram bem

fazendo música, pode-se indicar este programa como uma proposta que pode ser referência de inclusão pela música.

Destacaram-se os conteúdos programáticos e pode-se fazer uma discussão a partir dos mesmos: 1 – Havia evidências de utilização de Método Global de Alfabetização, de atividades de expressão corporal e motricidade, e de atendimento psicológico através das interações e diálogos dos professores com os alunos; 2 – A ludicidade foi enfatizada nos trabalhos rítmicos com brinquedos, nas brincadeiras sonoras com a flauta doce, o que levaram à atividade que requeriam desempenho de memorização. 3 – A memória foi ativada quando da revisão de coreografia, na dança, na vivência das letras das músicas estudadas e lembradas nas canções, na sequência dos jogos e, também, na prática das escalas com as notas musicais; 4 – A persistência foi trabalhada nos projetos artesanais em que se primava para que o projeto de cada sujeito tivesse um processo de começo/meio/fim.

Faz-se importante ressaltar que se observaram mudanças psicológicas como a aceitação do outro e a do corpo; a aceitação de comando do líder e o controle do corpo. Houve oportunidades para que o sujeito melhorasse seu equilíbrio emocional e demonstrasse seu envolvimento a partir de motivação interna.

Quanto ao estudo de casos, podem-se fazer mapeamentos sucintos dos sujeitos quanto aos seus envolvimento ou não, com atividades de motricidade, afetividade, vivência musical, ensino do instrumento e utilização e controle do brinquedo sendo utilizado. Percebe-se que alguns demonstram desenvolvimento no final do período observado, o que era anotado com o termo “melhora” pelo professor. Nota-se que cada sujeito tem suas características e impossibilidades, o que torna necessário o atendimento individual na maioria dos casos.

Se tivéssemos analisado os documentos somente a partir dos detalhes comentados pelos professores nos Protocolos disponibilizados, teríamos pouco a analisar, uma vez que são pouco detalhados. Muitos continham anotações das presenças, sem comentários sobre o que estava ocorrendo com o sujeito. No entanto, a soma dos comentários dos professores, aos planejamentos e aos conteúdos programáticos, possibilitaram esta análise e estas considerações finais.

O “corpus” resultante dos dados que levou à análise possibilitou um olhar mais atento à uma realidade desta escola/centro de pesquisas, de contra-turno, que avança no atendimento pioneiro do sujeito com necessidades especiais. O Brasil precisa de experiências como esta. As escolas de música, em sintonia com centros de pesquisa,

podem preparar novos profissionais para enfrentarem este desafio: - o de motivar, através da música, os sujeitos com deficiência; o de motivá-los para que se sintam vivos, integrados, participantes e cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIN, J. **Musica para el niño disminuído**. Buenos Aires, Ricordi Editora, 1966.
- AMORIM e VITA, Zita A. de e Luís W. **Introdução à Pedagogia Musical**. Editora Ricordi Brasileira. São Paulo, 1956.
- ARAGÃO, M.C.F.F. **Contextualizando a arte na escola para todos**. Revista Integração. Brasília, n. 24, p.37- 43, 2002.
- ARTEN, Alessandro. ZANCK, S.; LOURO, V. **Arte e inclusão educacional**. São Paulo: Editora Didática Brasil, 2007.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por: Lucie Didio. Brasília: UNIVIRCO-UNIREDE/UNB – Coordenação do Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância. Dezembro, 1997, 100 p.
- BAUER, Florraine. **Música ajuda na alfabetização de crianças**. Entrevista concedida à Fernanda Krakovics. Jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 11 de setembro. São Paulo: 2000.
- BAUER, M. W e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 2 Ed. RJ: Editora Vozes, 2003.
- BEYER, Esther S.W. **A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget**. Rio Grande do Sul, 1988 Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BIRKENSHAW-FLEMING, L. **Music for all: teaching music to people with special needs**. Toronto, Canadá. Gordon Thompsom Music, 1993.
- BOOTH, T., AINSCOW, M & DYSON, A. **“Understanding Inclusion and Exclusion in the Competitive English System”**. International Journal of Inclusive Education, vol. 1, No. 4: 337-355, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Secretaria de Educação Especial (Seesp)**. MEC/SEESP, 2009. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=288&Itemid=542 (Acesso em 13 out. 2009).
- _____. Resolução CNE/CEB Nº 17/2001, In: MONTE, Francisca, R.; et all. **Direito à educação: necessidades educacionais especiais: subsídios para atuação do Ministério Público Brasileiro**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- _____. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, set. 2001.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries): arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Justiça. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994
- _____. Constituição, 1988. **Texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/1992 a 30/2000 e Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/1994**. Ed. atual. Brasília: Senado Federal, 2000. Disponível em:
http://www.miltonmonti.com.br/arquivos/downloads/constituicao_27_edicao.pdf (Acesso em 08 fev. 2010).
- BRUNER, J. S. Tradução adaptada. **Nature and use of immaturity**. In: Bruner, J. S., Jolly, A. e Sylvia, K. Play – its role in development and evolution. Penguin Books, 1976.
- CHIARELLI, Karina M.; BARRETO, S.de J. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental**. Revista Recre@rte Nº3 Junio 2005 ISSN:

1699-1834. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03.htm> (Acesso dia 10 de maio de 2010).

ClAVATTA, Lucas. **O passo: a pulsação e o ensino-aprendizagem de ritmos**. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2003.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa – **História(s) da educação integral**. In: Em aberto. Inep. Mec. Brasília: 2009. p. 83 a 96.

DUTRA, Cláudia. P. **Diferentes olhares sobre a inclusão**. Secretaria de Educação Especial/ MEC. 05 de julho de 2005

FIGUEIREDO, Gil Vicente Reis de. **Educação Universal de Qualidade: Um Projeto para o Brasil**. Edição PROIFES. Brasília: 2010.

FRANCO, Maria Amélia S. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p.483-502, 2005.

FRANÇA, Cecília C. **Função da musicoterapia na educação musical especial: da inclusão física à integração do portador de atraso do desenvolvimento no ensino regular da música**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte, Anais... Porto Alegre, 2005. 1 CD-ROM

FREITAS, Soraia N. **Representação social e educação especial: a representação dos professores de alunos com necessidades educativas especiais incluídos na classe comum do ensino regular**. 2004. Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/artigos_autor.asp?p_id_autor=434 (Acesso dia 01 de junho de 2008).

GAINZA, Violeta H. de - **La improvisacion musical** - Ed. Ricordi Buenos Aires, 1986 (Copyright 1983).

_____. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARCIA, Eda do C. P. **Conteúdos e estratégias de ensino para a aprendizagem musical de estudantes deficientes mentais**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte, Anais... Porto Alegre, 2005. 1 CDROM

GUARÁ, Isa Maria F. R. **Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola**. In: Em aberto. Brasília: v.22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

GRANDE, Rosilene Munhoz Casa. **Inclusão: privilégio de conviver com as diferenças : memorial de formação. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF)**. Campinas, SP : [s.n.], 2006.

ILARI, Beatriz. **Cognição musical e educação musical: Integrando teoria e prática**. XII Encontro da ABEM Associação Brasileira de Educação musical. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2003a. Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista9/revista9_artigo1.pdf (Acesso dia 04 de set. 2009)

_____. **A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical**. Revista da ABEM, Associação Brasileira de Educação Musical. Porto Alegre, n. 9, p. 7-16, setembro 2003b. Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista9/revista9_artigo1.pdf (Acesso dia 01 de jun. de 2008)

JOLY, Ilza. Z. L.. **Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos**. Rev. Centro Educação. Edição: 2003 - Vol. 28 - Nº 02.

- KARAGIANNIS, A; STAINBACK, W; STAINBACK, S. **Fundamentos do Ensino Inclusivo**. In: STAINBACK, W; STAINBACK, S (org) *Inclusão um guia para educadores*. Porto Alegre, Artmed editora, 1999. p.21-31.
- LOUREIRO, Alícia Maria. A. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório**. 2001, Belo Horizonte. Mestrado em Educação da PUC/Minas.
- LOURO, Viviane dos S. **As características que norteiam a educação musical inclusiva de portadores de deficiência**. In: *Revista nacional de reabilitação*. Maio/Junho de 2003 Ano VI, n 32. p. 2-3.
- _____. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São Jose dos Campos, SP: Ed. Do Autor, 2006.
- MACHADO, Edilene V. ...[et al.] . **Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual** - Brasília: MEC, SEESP, 2003. 167 p.
- MANTOAN, Maria Tereza E. **Caminhos pedagógicos da educação inclusiva**. In: Gaio, R.; MENEGHETTI, Rosa G. K (org), **Caminhos pedagógicos da educação especial**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. p. 79-94.
- _____. **Caminhos pedagógicos da inclusão**, Fonte ANPED incluído no site em 28/11/2002. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83:caminhos-pedagogicos-da-inclusao&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17 (Acesso dia 30 de jul. 2010)
- _____. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. Brasília. v. 20, n. 182, p. 24-26, , 2005. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0182/aberto/mt_67180.shtml (Acesso 07 dez. 2009).
- MARCHESI, Álvaro (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. V. 3.
- MÁRSICO, Leda O. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 1982
- MASI, Ivete de. **Em busca de caminhos para a concretização das políticas públicas de inclusão**. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v.1 - n. 2, p. 68-78, ago./dez. 2008.
- MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Escolar: comum ou especial**. São Paulo, Pioneira, 1987.
- _____. **Educação especial no Brasil: história e políticas**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MORIN, André; **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MOURAO, Marisa. P. **No silêncio dos sons: música e surdez construindo caminhos**. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 16, n. 27, p. 169-182, jan./jun., 2007.
- NASCIMENTO, M. F. e IKUTA, Clara. **Estratégias e dinâmicas musicais para pessoas com deficiência numa visão pedagógica e terapêutica**. Palestra ministrada no II Simpósio de Educação Musical Especial na Fundação das Artes de São Caetano do Sul – SP, Novembro de 2005.
- NEGRINE, Airton; MACHADO, Mara L. S. **A terapia da criança autista: uma abordagem pela via corporal**. *Perfil*, Porto Alegre, ano III, nº3, p.86-97. 1999.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1994). **Declaração de Salamanca sobre Princípios Políticas e Práticas em Educação Especial**. Disponível em: www.direitoshumanos.usp.br (Acesso em 20 jan. 2009).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps (ICIDH)**. Genebra, 1980.

- PAULA, Ana.R. de; REGEN, Mina. **A inclusão da pessoa com deficiência: nova concepção, novas práticas** In: DIAMENT A.; CYPEL, S. Neurologia Infantil. Cap. 103 Vol.2 4ªedição. São Paulo: Atheneu; 2005 p. 1789 – 1793.
- PINEL, Hiran. **Forjando um conceito de “inclusão” para se pensar as práticas psicopedagógicas inclusivas escolares e não-escolares**. Revista Psicopedagogia On Line 2007. Disponível em:
<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=952> (Acesso em 13 fev. 2009).
- ROSA, Nereide S.S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.
- SASSAKI, Romeu. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3.ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- SKRTIC, Thomas. (Agosto, 1994). **Changing paradigms in special education**. Artigo apresentado na Excellence and Equity in Education International Conference, Toronto.
- SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, Lisbeth. **Apostila do I Simpósio de Educação Musical Especial**, São Caetano do Sul, SP. 2004
- SOUZA, Angêla Maria C. et al. **Caminhos da inclusão**. Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo e Associação Brasileira de Paralisia Cerebral. Goiânia: Kelps, 2008.
- STAINBACK, Susan et Al. **A Inclusão e o Desenvolvimento de uma Auto-Identidade Positiva em Pessoas com Deficiência**. In: STAINBACK, W; STAINBACK, S (org) **Inclusão um guia para educadores**. Porto Alegre, Artmed editora, 1999 p.407-413.
- TEIXEIRA, Anísio. **A escola pública universal e gratuita**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos., vol.26, nº64. Rio de Janeiro, out/dez. 1956. P.3-27.
- TRISTÃO, Rosana Maria. **Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento**. [4. ed.]. Universidade de Brasília/UnB. - MEC/SEESP (especialista em deficiência mental). – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 65 p.
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciência e Cultura / Ministério da Educação e Ciência da Espanha/ Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência- Coordenação. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília, 1994.
- VALENTE, José Armando. (Org.), **Liberando a mente: computadores na educação especial**. Campinas, UNICAMP, 1991.
- VALMASEDA, Marian. **Os problemas de linguagem na escola**. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. V. 3.
- VYGOTSKI, Liev S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.